

SERRARIA BAIXO-ASTRAL

SEGUINTE

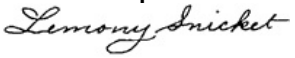
Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,



Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

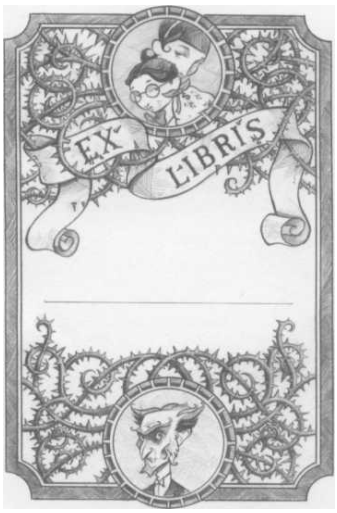


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist,** nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times.*


EX
LIBRIS

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

⚜ Desventuras em Série ⚜

LIVRO Quarto



SERRARIA BAIXO-ASTRAL

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Carlos Sussekind

2000 by Lemony Snicket

2000 Ilustrações by Brett Helquist

Publicado mediante acordo com

HarperCoüins Childrens Books, divisão da HarperCollins Publishers, Inc. Título original: The miserable mill

Revisão: Renato Potenza Rodrigues Maysa Monção

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Snicket, Lemony

Para Beatrice —
Meu amor voou como uma borboleta
Até a morte pousar como um morcego.
Como disse a poeta Emma Montaria McElroy:
“Aí acabou-se a história”.



CAPÍTULO UM

Em algum momento da vida — na verdade, muito cedo — um livro pode lhes cair nas mãos e vocês hão de notar que a primeira frase pode revelar o tipo de história que será lida. Por exemplo, um livro que comece com “Era uma vez uma família de esquilos espertos que viviam dentro de uma árvore” provavelmente conta uma história repleta de animais falantes que se envolvem em toda a sorte de travessuras. Um livro que comece com “Emily sentou-se e olhou para a pilha de panquecas que sua mãe lhe havia preparado, mas ela estava tão ansiosa com o acampamento das bandeirantes que não tinha sequer vontade de comer” provavelmente conta uma história repleta de garotas que riem à toa e se divertem sem parar. E um livro que comece com “Gary estava embevecido por sua luva de beisebol, de couro, novinha, e esperava com impaciência por seu melhor amigo, Larry, que estava para

chegar" provavelmente conta uma história repleta de garotos suados que conquistam algum tipo de troféu. E se vocês gostam de travessuras, ou de diversão, ou de troféus, já sabem que livro escolher e podem simplesmente deixar de lado os que não lhes interessam. Mas este livro começa com a frase "Os órfãos Baudelaire olharam através da janela suja do trem e contemplaram o negrume melancólico da Floresta Finita, pensando se algum dia a vida deles melhoraria", e vocês já podem concluir que a história que se segue será muito diferente da de Gary, ou de Emily, ou da família de esquilinhos marotos. Isso pela simples razão de que a vida de Violet, Klaus e Sunny Baudelaire é muito diferente da vida da maioria das pessoas, principalmente no que diz respeito ao grau de infelicidade, horror e desespero. As três crianças não têm tempo para travessuras, porque as desgraças seguem os seus passos para onde quer que elas se desloquem. Desde que seus pais morreram num incêndio terrível, nunca mais souberam o que é se divertir a valer. E o único troféu que poderiam ganhar seria o Prêmio dos Desventurados, ou algo do gênero. É de uma injustiça atroz, não resta dúvida, que os Baudelaire passem por tantos apertos, mas a história deles é assim, fazer o quê? Por isso, agora que eu já contei que o começo será "Os órfãos Baudelaire olharam através da janela suja do trem e contemplaram o negrume melancólico da Floresta Finita, pensando se algum dia a vida deles melhoraria", larguem este livro se quiserem evitar uma história desagradável.

Os órfãos Baudelaire olharam através da janela suja do trem e contemplaram o negrume melancólico da Floresta Finita, pensando se algum dia a vida deles melhoraria. Um alto-falante que chiava muito acabara de anunciar que em poucos minutos chegariam à cidade de Paltryville, onde morava a pessoa que cuidaria deles dali por diante. Não puderam evitar de pensar quem seria capaz de querer viver num lugar perdido, sombrio e fantasmagórico como aquele. Violet, que tinha catorze anos e era a Baudelaire mais velha, olhou para as árvores da floresta, árvores tão altas e praticamente sem nenhum galho que pareciam mais canos de ferro do que árvores. Violet era uma inventora — estava sempre com o pensamento tomado por máquinas e engenhocas, sobretudo quando prendia o cabelo com uma fita para ajudá-la a pensar. Naquele momento, ao olhar para as árvores, começou a bolar um mecanismo que permitisse subir ao topo de qualquer árvore, ainda que inteiramente sem galhos como aquelas. Klaus, de doze anos, tinha os olhos voltados para o chão da floresta, que era todo coberto por um musgo marrom que crescera de forma desigual. Klaus gostava muito de ler, mais do que qualquer outra coisa, e tentou se lembrar do que já havia lido sobre os musgos de Paltryville, e se algum deles era comestível. E Sunny, que era apenas um bebê, olhava para o céu cor de fuligem que pairava sobre a floresta como um pulôver úmido. Sunny tinha quatro dentes afiados, e o seu maior prazer era morder coisas, qualquer coisa, daí sua atenção voltar-se para descobrir o que havia na área para ser mordido. Mas, embora Violet começasse a planejar sua invenção, e Klaus refletisse sobre sua pesquisa de

musgos, e Sunny abrisse e fechasse a boca exercitando-se para uma oportunidade de morder, a Floresta Finita pareceu-lhes tão pouco inspiradora que não conseguiram evitar a dúvida: o novo lar seria agradável?

"Que floresta encantadora!", observou o sr. Poe, e tossiu em seu lenço branco. O sr. Poe era um alto executivo de banco que, após o incêndio, ficara com a responsabilidade de cuidar dos interesses dos Baudelaire; no entanto — que a verdade seja dita a vocês —, ele não estava cumprindo direito o seu papel. Suas duas principais obrigações consistiam em encontrar um bom lar para os órfãos e proteger a enorme fortuna que os pais lhes haviam deixado; mas, até aquele momento, cada novo lar providenciado pelo sr. Poe havia sido uma catástrofe, palavra que aqui significa "desastre completo envolvendo desgraça, armadilha e conde Olaf". O conde Olaf era um homem terrível que desejava se apropriar da fortuna dos Baudelaire, e para roubá-la tentava os estratagemas mais repulsivos que conseguia imaginar. Tentativa após tentativa ele sempre chegava muito perto de conseguir seu objetivo, e tentativa após tentativa os órfãos Baudelaire sempre desmascaravam o plano dele — mas sempre, sempre, o conde Olaf dava um jeito de escapar. E tudo o que o sr. Poe fizera a respeito até então fora tossir. Agora ele está acompanhando as crianças a Paltryville, e é duro eu ter de dizer a vocês que mais uma vez o conde Olaf tornará a aparecer com outro de seus repulsivos estratagemas e que mais uma vez a atuação do sr. Poe não será de nenhuma ajuda para os órfãos. "Que floresta encantadora!", tornou a dizer o sr. Poe, quando acabou de tossir.

"Crianças, acho que vocês terão um bom lar aqui. Pelo menos é o que espero, porque acabo de assumir a vice-presidência da Administração de Multas e daqui por diante estarei mais ocupado do que nunca. Se desta vez alguma coisa não der certo, terei que mandá-los para um colégio interno até eu ter tempo de providenciar um novo lar para vocês. Por isso, por favor, comportem-se. "

"Mas claro, sr. Poe", disse Violet, sem acrescentar que ela e seus irmãos sempre haviam se comportado mas isso não os ajudara em absolutamente nada.

"Como se chama o nosso novo tutor?", perguntou Klaus. "O senhor ainda não nos disse."

O sr. Poe tirou do bolso um pedaço de papel e apertou os olhos. "Chama-se... deixe-me ver... sr. Wuz... sr. Qui... Não sei, não consigo pronunciar o nome. É muito comprido e complicado. "

"Posso ver?", perguntou Klaus. "Talvez eu consiga decifrar a pronúncia. "

"Não, deixe pra lá", disse o sr. Poe, guardando o papel. "Se já é tão complicado para um adulto, imagine para uma criança. "

"Jand!", gritou Sunny. Como muitos bebês, a maior parte do tempo Sunny

emitia sons em geral difíceis de traduzir. Dessa vez provavelmente ela quisesse dizer algo como: “Mas Klaus lê muitos livros complicados!”.

“Ele dirá como vocês devem chamá-lo”, prosseguiu o sr. Poe, como se Sunny não tivesse aberto a boca. “Vocês o encontrarão no escritório central da Serraria Alto-Astral, que me disseram estar a poucos passos da estação ferroviária.”

“O senhor não vem conosco?”, perguntou Violet.

“Não”, disse o sr. Poe, e tornou a tossir em seu lenço. “O trem só faz uma parada por dia em Paltryville, de forma que, se eu descesse com vocês, teria que passar a noite aqui e faltar mais um dia ao banco. Vim só deixar vocês e volto para a cidade neste mesmo trem, imediatamente.”

Os órfãos Baudelaire olharam através da janela, preocupados. Não estavam muito satisfeitos com a idéia de serem deixados num lugar que não conheciam, como se fossem uma pizza e não três crianças inteiramente sós no mundo.

“E se o conde Olaf aparecer?”, perguntou Klaus, baixando a voz. “Ele jurou que nos encontraria de novo. “

“Dei ao sr. Bek... sr. Duy... Dei ao novo tutor de vocês uma descrição completa do conde Olaf”, disse o sr. Poe. “Assim, se por alguma circunstância inimaginável ele aparecer em Paltryville, o sr. Sho... sr. Gek... notificará as autoridades.”

“Mas o conde Olaf está sempre usando disfarces”, observou Violet. “Fica difícil reconhecê-lo. A gente só consegue saber que é ele quando vê aquele olho tatuado no tornozelo.”

“Incluí a tatuagem na minha descrição”, disse o sr. Poe, impaciente.

“Mas e os ajudantes do conde Olaf?”, perguntou Klaus. “Em geral pelo menos um membro do grupo o acompanha para ajudar sua farsa.”

“Descrevi todos eles para o sr.... hã... descrevi todos eles para o dono da serraria”, disse o sr. Poe, erguendo o dedo indicador enquanto enumerava os horríveis comparsas de Olaf. “O homem da mão de gancho. O careca de nariz comprido. As duas mulheres com o rosto todo empoado de branco. E a figura bem rechonchuda que não parece nem homem nem mulher. O novo tutor de vocês já sabe de todos eles, e, se houver algum problema, lembrem-se que é só entrar em contato comigo ou com um de meus colegas na Administração de Multas do banco.”

“Casca”, disse Sunny melancolicamente. Era provável que quisesse dizer: “Isso não é muito tranqüilizador”, ou algo do tipo, mas sua voz foi coberta pelo forte apito que indicava que o trem chegara à estação Paltryville.

“Cá estamos”, disse o sr. Poe. Antes que pudessem se dar conta, as crianças achavam-se de pé na estação, olhando o trem se afastar em direção

ao escuro arvoredo da Floresta Finita. A barulheira da locomotiva foi diminuindo à medida que perdiam o trem de vista, e logo os três irmãos estavam, de fato, inteiramente sós.

"Bem", disse Violet erguendo a maleta que continha as poucas roupas das crianças, "vamos ver onde fica a Serraria Alto-Astral. Aí então conheceremos o nosso novo responsável."

"Ou pelo menos saberemos o seu nome", disse Klaus, melancólico, e deu a mão a Sunny.

Se vocês planejam viajar nas férias, a primeira coisa a fazer é comprar um guia, com mapas, dicas dos pontos interessantes e agradáveis de serem visitados, sugestões úteis sobre o que fazer no local. Paltryville não consta de nenhum guia, e à medida que avançavam desanimados pela única rua da cidade, os órfãos Baudelaire logo perceberam por quê. Havia umas poucas lojinhas de cada lado da rua, e nenhuma com janelas. Havia uma agência de correios, mas, em vez de uma bandeira tremulando, o que se via no mastro era um sapato velho pendurado. Em frente, um paredão alto de madeira estendia-se até o fim da rua. No centro do paredão existia um grande portão, também de madeira, com as palavras "Serraria Alto-Astral" em letras toscas e gosmentas. Ao longo da calçada, onde poderia haver uma fileira de árvores, viam-se jornais velhos formando pilhas gigantescas. Em suma, tudo o que poderia tornar a cidade interessante ou agradável transformara-se em algo horrendo ou nem um pouco agradável, e, se Paltryville figurasse em algum guia, a única dica útil para os turistas seria: "Vão embora". Mas os três jovens não podiam ir embora, é claro; e com um suspiro Violet tomou a dianteira e foi com os irmãos até o portão de madeira. Estava para dar a primeira batida quando Klaus tocou em seu ombro e disse: "Veja".

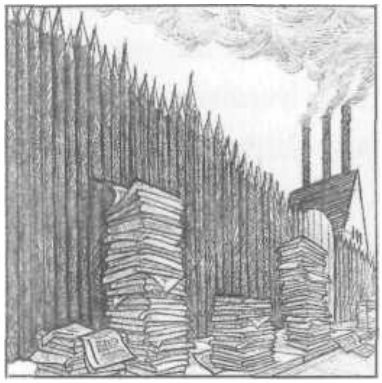
"Eu sei", disse ela. Violet pensou que ele estivesse se referindo às letras que formavam a inscrição "Serraria Alto-Astral". Agora que estavam bem perto do portão as crianças podiam entender por que as letras pareciam estranhas: eram feitas de chiclete mascado, bolotas e bolotas grudadas na madeira de modo a dar forma às letras. Com exceção de uma tabuleta que vi certa vez com a palavra "Cuidado" feita com macacos mortos, a "placa" da Serraria Alto-Astral era o letreiro mais repugnante que podia haver sobre a terra, e Violet achou que seu irmão estivesse querendo mostrar isso. Mas quando ela se virou para concordar com Klaus, notou que ele não estava olhando para os dizeres e sim para bem mais longe, em direção ao fim da rua.

"Veja", tornou a dizer Klaus, porém Violet já percebera o que ele estava olhando. Os dois ficaram imóveis sem dizer uma palavra, encarando fixamente a casa no final da única rua de Paltryville. Sunny andara examinando algumas das dentadas no chiclete, mas quando os irmãos silenciaram ela seguiu o olhar de ambos e também viu. Durante alguns segundos os órfãos Baudelaire ficaram paralisados, só olhando.

“Deve ser uma coincidência”, disse Violet, depois de uma longa pausa.

“Com certeza”, disse Klaus, nervosamente, “é uma coincidência.”

“Varni”, concordou Sunny, mas sem acreditar. Nenhum dos órfãos acreditou. Agora que tinham chegado à serraria, dava para ver outra construção, localizada no final da rua. Como as demais construções na cidade, não tinha janelas, só uma porta redonda no centro. No entanto o que atraiu a atenção dos Baudelaire foi o formato e a maneira como fora pintada. A casa era meio oval e na parte superior havia como que uns galhos curvos fininhos projetando-se para fora. A maior parte da construção oval estava pintada de uma cor meio marrom, com um grande círculo branco no centro, e um círculo menor, verde, dentro do círculo branco, com degrauzinhos pretos que conduziam a uma pequena porta redonda pintada de preto, de tal modo que parecia haver um círculo ainda menor dentro do verde. A construção da casa sugeria a figura de um olho. As três crianças se entreolharam, em seguida olharam para a casa, depois se entreolharam de novo, balançando a cabeça. Por mais que se esforçassem, não conseguiam acreditar que fosse uma coincidência haver em Paltryville uma casa com a forma exata da tatuagem do conde Olaf.



CAPÍTULO DOIS

É muito, mas muito pior receber más notícias por escrito do que quando alguém chega e nos dá de cara a má notícia. Estou certo de que vocês entendem perfeitamente por quê. Quando alguém nos fala uma má notícia, ouvimos aquela única vez e acabou-se. Porém quando a má notícia vem por escrito, seja numa carta ou num jornal, ou traçada com uma caneta de ponta de feltro em nosso braço, temos a sensação de estar recebendo a notícia continuamente, sem parar. Por exemplo, há muito tempo gostei de uma mulher que por diversos motivos não pôde se casar comigo. Se ela tivesse se limitado a me dizer isso pessoalmente, eu teria ficado triste, não resta dúvida, mas depois de um tempo acabaria superando. Só que ela preferiu escrever um livro, de duzentas páginas, dando a má notícia com os mínimos detalhes e estendendo-se ao máximo sobre o assunto; a tristeza provocada não podia ser maior. Quando o livro me chegou às mãos trazido por uma revoada de pombos-correio, passei a noite toda lendo-o, e leio-o até hoje, estou sempre voltando a ele, como se minha querida Beatrice me desse a má notícia todos os dias e todas as noites de minha vida.

Os órfãos Baudelaire bateram e tornaram a bater no portão de madeira, tendo o cuidado de não encostar os nós de seus dedos nas letras feitas de chiclete mascado, mas ninguém atendeu; então experimentaram empurrar o portão e verificaram que ele não estava trancado. lá dentro havia um pátio amplo com chão de terra, sobre o qual encontraram um envelope com a palavra “Baudelaire” datilografada. Klaus apanhou o envelope e o abriu. Havia um bilhete:

Memorando

Para: órfãos Baudelaire

De: Serraria Alto-Astral Assunto: Chegada à empresa

Vocês encontrarão anexo um mapa da Serraria Alto-Astral, com indicação

do dormitório onde os três ficarão instalados de graça. Favor apresentem-se para trabalhar amanhã junto com os demais empregados. O proprietário da Serraria Alto-Astral espera que vocês sejam assíduos e diligentes.

"O que querem dizer essas palavras: 'assíduos' e 'diligentes'?", perguntou Violet, espiando por cima do ombro de Klaus.

"Neste caso, 'assíduos' e 'diligentes' querem dizer a mesma coisa: 'que dão duro no trabalho'", respondeu Klaus, que conhecia uma porção de palavras difíceis dos vários livros que havia lido.

"Mas o sr. Poe não falou nada sobre trabalhar na serraria", disse Violet. "Pensei que viéssemos apenas morar aqui."

Klaus franziu a testa, concentrando-se na leitura do mapa que estava grudado ao bilhete por uma bolota de chiclete mascado. "Este mapa é bem fácil de entender", disse.

"Chega-se ao dormitório seguindo direto em frente. Ele está localizado entre o galpão de depósito e a própria serraria."

Violet olhou para a frente e viu uma construção cinzenta sem janelas, do outro lado do pátio. "Não quero morar", disse ela, "entre o galpão de depósito e a própria serraria."

"Não promete ser muito divertido", reconheceu Klaus, "mas nunca se sabe. A serraria pode ter máquinas complicadas, e talvez você se interesse em estudá-las."

"Isso é verdade", disse Violet. "Nunca se sabe. Pode ter madeira dura que Sunny se interesse em roer."

"Snevi!", gritou Sunny.

"E pode ser que haja manuais de serraria interessantes para eu ler", disse Klaus.

"Nunca se sabe."

"Pois é", disse Violet. "Nunca se sabe. Este pode ser um lugar maravilhoso para morar."

Os três irmãos se entreolharam e sentiram-se um pouco melhor. A verdade, sem dúvida alguma, é que nunca se sabe. Uma nova experiência tanto pode ser extremamente agradável como extremamente irritante, ou qualquer coisa entre um ou outro extremo, e nunca se sabe até passar por ela. À medida que foram caminhando rumo à construção cinzenta sem janelas, as crianças começaram a se sentir dispostas a passar pela experiência de um novo lar na Serraria Alto-Astral, porque nunca se sabe. Porém — e dói-me o coração ao dizer isto para vocês — eu sei. Sei porque estive na Serraria Alto-Astral e me informei sobre todos os acontecimentos atrozes que esses pobres órfãos viveram durante o curto período em que moraram lá. Sei porque

conversei com algumas pessoas que os conheceram naquela época, e ouvi com meus próprios ouvidos a história aflitiva da permanência desses meninos em Paltryville. E sei porque pus no papel todos os detalhes para mostrar a vocês, leitores, quão terrível foi a experiência dos Baudelaire. Eu sei, e é um conhecimento que oprime meu coração como se houvesse um pesa-papéis sobre ele. Gostaria de haver estado na serraria quando os três irmãos passaram por lá, porque eles não sabiam. Gostaria de ter tido a oportunidade de contar-lhes o que sei enquanto eles atravessavam o pátio, levantando pequenas nuvens de poeira a cada passo. Eles não sabiam, mas eu sei e gostaria que eles soubessem, se é que vocês sabem o que quero dizer.

Quando os Baudelaire chegaram à porta da construção cinzenta, Klaus olhou novamente o mapa, assentiu com um movimento de cabeça, e bateu. Depois de uma longa pausa, a porta se abriu com um rangido e revelou um homem com ar desconcertado, as roupas cobertas de serragem. Ele ficou encarando as três crianças por um bom tempo antes de falar.

"Faz catorze anos", disse enfim, "que ninguém bate nesta porta." Quando alguém diz algo tão estranho que não sabemos nem o que responder, às vezes o melhor é recorrer a uma fórmula de boa educação e dizer apenas: "Como vai?".

"Como vai?", disse educadamente Violet. "Eu me chamo Violet Baudelaire e esses são meus irmãos, Klaus e Sunny."

O homem com ar desconcertado pareceu ainda mais desconcertado e pôs as mãos nos quadris, depois de um gesto para tirar um pouco da serragem que tinha sobre a camisa. "Vocês têm certeza de que vieram parar no lugar certo?", perguntou.

"Acho que sim", disse Klaus. "Não é aqui o dormitório da Serrana Alto-Astral?"

"Sim", disse o homem, "mas não são permitidas visitas."

"Não viemos como visitantes", respondeu Violet. "Viemos morar aqui." O homem coçou a cabeça e os Baudelaire ficaram olhando para a serragem que caía de seus cabelos grisalhos em desordem. "Vocês estão vindo morar aqui, na Serraria Alto-Astral?"

"Cigam!", gritou Sunny, o que significava: "Veja este bilhete!". Klaus entregou o bilhete ao homem, que teve o cuidado de não tocar no chiclete mascado enquanto lia o texto. Em seguida encarou os órfãos com seus olhos cansados e salpicados de serragem. "Vocês vêm trabalhar aqui, também? Garotos, escutem uma coisa: trabalhar numa serraria é muito difícil. É preciso retirar a casca das árvores e serrá-las em tiras estreitas para fazer tábuas. As tábuas têm que ser amarradas em pilhas e embarcadas em caminhões. Devo lhes dizer que a maioria das pessoas que trabalha em serranas é adulta. Mas se o proprietário está dizendo que vocês vão trabalhar aqui, não duvido:

vocês vão trabalhar aqui, e pronto. É melhor entrarem." O homem abriu toda a porta e os Baudelaire entraram no dormitório. "Meu nome é Phil, diga-se de passagem", disse Phil. "Vocês podem jantar conosco daqui a pouco, mas antes vou mostrar-lhes o dormitório." Phil conduziu os garotos para um grande cômodo pouco iluminado, repleto de beliches dispostos em fileiras sobre um piso de cimento. Sentados ou deitados nos beliches havia um monte de gente, homens e mulheres, todos com ar cansado e todos cobertos de serragem. Reuniam-se em grupos de quatro ou cinco, jogando cartas, conversando em voz baixa, ou simplesmente com o olhar perdido; e foram raros os que ergueram os olhos demonstrando um mínimo de interesse pela presença dos meninos no aposento. O lugar todo tinha um cheiro de mofo, aquele tipo de cheiro que fica nos cômodos quando as janelas não são abertas durante um bom tempo. É evidente que no dormitório de que estamos falando as janelas nunca foram abertas, porque não havia janelas; embora os garotos pudessem ver que alguém desenhara com caneta esferográfica umas janelas de mentira sobre as paredes de cimento. De certo modo, os desenhos tornavam o dormitório ainda mais patético — palavra que aqui significa "deprimente e privado de janelas" —, fazendo os órfãos Baudelaire sentirem um bolo na garganta só de olhar para eles.

"Este é o quarto em que dormimos", disse Phil. "Há um beliche lá adiante, no final da parede, que pode ficar para vocês três. Deixem a bagagem debaixo da cama. Aquela porta dá para o banheiro e no final daquele corredor que se vê lá longe fica a cozinha. E não há muito mais que isso para mostrar. Ei, pessoal, estes são Violet, Klaus e Sunny. Eles vieram trabalhar aqui."

"Mas são crianças", disse uma das mulheres. "Eu sei", falou Phil. "Mas o proprietário disse que eles vão trabalhar aqui, então eles vão trabalhar aqui".

"Aliás", falou Klaus, "como é o nome do proprietário? Ninguém nos disse."

"Não sei", falou Phil, passando a mão pelo queixo ossudo. "Ele não aparece aqui no dormitório há uns seis anos ou por aí. Alguém se lembra de como se chama o proprietário?"

"Acho que é Senhor qualquer coisa", disse um dos homens.

"Quer dizer que vocês nunca falam com ele?", perguntou Violet.

"Nunca o vemos", disse Phil. "O proprietário mora numa casa que fica depois do galpão de depósito, e só vem à serraria em ocasiões especiais. O capataz a gente vê o tempo todo, mas o proprietário nunca.

"Teruca?", perguntou Sunny, provavelmente querendo dizer: "O que é um capataz?".

"Um capataz", explicou Klaus, "é alguém que supervisiona os operários. Ele é legal, Phil?"

"Ele é horríve!", disse um dos homens, e mais alguns juntaram-se ao coro

de queixosos:

"Ele é terrível" "Ele e nojento"

"Ele é o pior capataz que já houve no mundo!"

"Ele é bem ruinzinho", disse Phil para os Baudelaire. "O cara que trabalhava antes dele, o capataz Firstein, até que era legal. Mas na semana passada ele parou de vir trabalhar. O maior mistério. O homem que o substituiu, o capataz Flacutono, é muito desagradável. Procurem lidar com o lado bom dele para evitar amolações."

"Ele não tem um lado bom", disse uma mulher.

"Bem, bem", disse Phil. "Todo mundo e todas as coisas têm um lado bom. Vamos indo, pessoal, vamos jantar."

Os órfãos Baudelaire sorriram para Phil e foram para a cozinha com os outros empregados da Serraria Alto-Astral, mas continuavam com bolos na garganta tão massudos quanto os bifes que lhes serviram para comer. Ouvindo Phil dizer que existe um lado bom em todo mundo e em todas as coisas, os meninos perceberam logo que estavam diante de um otimista. "Otimista" é uma palavra que aqui está sendo usada para referir-se a uma pessoa, como Phil, que só pensa e espera coisas boas de praticamente tudo. Por exemplo, se um otimista tivesse o braço esquerdo arrancado por uma dentada de crocodilo, diria, num tom de voz simpático e esperançoso: "Bem, afinal não foi tão ruim. Não tenho mais o meu braço esquerdo, mas em compensação ninguém nunca me perguntará se sou destro ou canhoto"; ao passo que a maioria dentre nós gritaria: "Aiiii!

Meu braço! Meu braço!", ou algo do gênero.

Os órfãos Baudelaire engoliram a comida e tentaram ser otimistas como Phil, contudo, por mais que tentassem, nenhum de seus pensamentos conseguiu ser agradável ou esperançoso. Pensaram no beliche que iriam repartir, no quarto com cheiro de mofo e nas janelas desenhadas nas paredes. Pensaram no trabalho pesado que enfrentariam na serraria, com serragem por todo o corpo e o capataz Flacutono mandando fazer isto e aquilo. Pensaram na casa em forma de olho, do lado de fora do portão de madeira. E pensaram sobretudo em seus pais, seus pobres pais que lhes faziam tanta falta e que nunca mais tornariam a ver. Pensaram em tudo isso durante o jantar inteiro, e depois enquanto vestiam os pijamas, e ainda pensavam nisso quando Violet agitou-se e trocou de posição na cama de cima do beliche e Klaus e Sunny se agitaram e trocaram de posição na cama de baixo. Pensaram, como já haviam feito no pátio, que nunca se sabe, e que apesar de tudo o novo lar ainda poderia ser maravilhoso. Mas tinham suas dúvidas. E, quando os empregados da Serraria Alto-Astral começaram a roncar, os meninos pensaram em todas as circunstâncias infelizes que os cercavam, e começaram a duvidar. Agitaram-se e trocaram de posição, as dúvidas crescendo em novas dúvidas.

E, quando finalmente adormeceram, não havia mais nenhum otimista no beliche dos Baudelaire.



CAPÍTULO TRÊS

A manhã é um momento importante do dia, porque muitas vezes, logo depois de acordar, já dá para adivinhar que tipo de dia você vai ter. Por exemplo, se você acorda ouvindo o pipilar de pássaros, esparramado sobre uma enorme cama com dossel, com um mordomo que traz, numa bandeja de prata, pãezinhos recém-tirados do forno e um suco de laranja feito na hora, já dá para saber que o seu dia será esplêndido. Se você acorda ao som de sinos de igreja, acomodado numa cama razoavelmente grande, com um mordomo que lhe traz uma bandeja com chá quente e torradas, dá para saber que o seu dia vai ser legal. E se você acorda com alguém batendo duas panelas de ferro uma contra a outra, e você está deitado de mau jeito num beliche estreito, com um capataz asqueroso na soleira da porta e que não lhe traz nenhum tipo de café da manhã, dá para saber que o seu dia será horrendo.

Obviamente, a você e a mim não causará grande surpresa saber que o primeiro dia dos órfãos Baudelaire na Serraria Alto-Astral foi horrendo. E os Baudelaire certamente não esperavam pássaros pipilantes ou um mordomo, depois da recepção tão desanimadora do dia anterior. Mas nunca, nem em seus piores pesadelos, esperavam ser acordados com aquela cacofonia — palavra que aqui significa "o som de duas panelas de ferro sendo batidas uma contra a outra por um capataz asqueroso na soleira da porta e que não lhe traz nenhum tipo de café da manhã".

"Levantem-se, ô gente mais preguiçosa e fedorenta!", gritou o capataz numa voz que soava esquisita. Ele falava como se tapasse a boca com as

mãos. “É hora de trabalhar, todo mundo! Uma nova carga de troncos de árvore está lá fora só esperando virar tábua!”

Os meninos sentaram-se e esfregaram as pálpebras. Em volta deles, os empregados da Serraria Alto-Astral espreguiçavam-se e tapavam os ouvidos por causa do barulho das panelas. Phil, que já se levantara e arrumava cuidadosamente sua cama, dirigiu aos Baudelaire um sorriso cansado.

“Bom dia, jovens Baudelaire”, disse Phil. “E bom dia, capataz Flacutono. Permita-me que lhe apresente três novíssimos empregados? Capataz Flacutono, estes são Violet, Klaus e Sunny Baudelaire.”

“Sabia que teríamos alguns novos trabalhadores”, disse o capataz, atirando as panelas ao chão com estrondo, “mas ninguém me disse que seriam anões.”

“Não somos anões”, explicou Violet. “Somos crianças.”

“Crianças, anões, o que me importa?”, disse o capataz Flacutono com sua voz abafada, caminhando em direção ao beliche dos órfãos. “O que me importa é que vocês saiam já da cama e sigam direto para a serraria.”

Os Baudelaire pularam rápido do beliche, não queriam contrariar um homem que batia panelas em vez de dizer “Bom dia”. Porém, depois de dar uma boa olhada no capataz Flacutono, só tinham um desejo: pular de volta para o beliche e puxar as cobertas até cobrir a cabeça.

Garanto que vocês já ouviram dizer que a aparência não tem tanta importância, que é o interior que conta. Isso, deixem-me dizer, é o maior absurdo, porque se fosse verdade as pessoas com beleza interior não precisariam nunca pentear os cabelos ou tomar banho, e o mundo teria um fedor pior do que o que já tem. A aparência é da maior importância, porque pode-se saber muito só de olhar como as pessoas se apresentam. E foi a maneira como o capataz Flacutono se apresentou que fez com que os órfãos quisessem pular de volta para o beliche. Ele vestia um macacão todo manchado, o que não pode causar uma boa impressão, e em seus sapatos havia um adesivo no lugar de cadarços. Mas o mais desagradável de tudo era a cabeça do capataz. Flacutono era careca, mais careca do que um ovo, só que, em vez de assumir a careca como fazem as pessoas de bom senso, comprara uma peruca branca cacheada, que parecia uma penca de grandes vermes mortos a cobrir-lhe toda a cabeça. Alguns dos pêlos-vermes ficavam levantados, outros curvavam-se para o lado, outros escorriam pela testa e pelas orelhas, e uns poucos esticavam-se como se quisessem fugir do couro cabeludo do capataz Flacutono. Abaixo da peruca, havia um par de olhos escuros, pequenos e redondos, que cintilavam para os órfãos de um modo muito desagradável.

Quanto ao restante do rosto, era impossível dizer como era, porque estava coberto por uma máscara, dessas que os médicos usam nos hospitais. O nariz

do capataz Flacutono sobressaía por baixo da máscara, como um jacaré se escondendo na lama, e quando o capataz falava os Baudelaire podiam ver sua boca abrir e fechar por trás do pano. O uso dessas máscaras em hospitais é perfeitamente apropriado, está claro, para impedir a disseminação de germes, entretanto não havia qualquer justificativa para aquela ali. O único motivo que o capataz Flacutono poderia ter para usar uma máscara cirúrgica seria assustar as pessoas; e, ao encarar os órfãos Baudelaire, conseguiu mesmo deixá-los bastante assustados.

"A primeira coisa que vocês têm a fazer, Baldehilários", disse o capataz Flacutono, "é apanhar as minhas panelas no chão. E nunca mais me dar motivo para deixá-las cair."

"Mas elas não caíram por nossa culpa", disse Klaus.

"Bram!", acrescentou Sunny, o que provavelmente significava: "nosso sobrenome é Baudelaire".

"Se não apanharem as panelas agora mesmo", disse o capataz Flacutono, "vocês não terão chicletes no almoço."

Os órfãos Baudelaire não ligavam muito para chiclete, especialmente chiclete de hortelã, a que eram alérgicos, mas correram até as panelas. Violet apanhou uma e Sunny a outra, enquanto Klaus se apressava a fazer as camas.

"Me dêem as panelas!", foi dizendo impaciente o capataz Flacutono, e tirou as panelas das mãos das garotas. "Vamos, operários, já perdemos tempo demais. Às serras!

As toras de madeira nos esperam!"

"Detesto trabalhar com as toras", resmungou um dos empregados, mas todos seguiram o capataz Flacutono. Saíram do dormitório e atravessaram o pátio de chão de terra em direção à serraria, que era uma construção cinzenta e sem atrativos, com muitas chaminés que faziam o telhado parecer o dorso de um porco-espinho. As três crianças se entreolharam preocupadas. Os órfãos nunca haviam trabalhado, exceto num dia de verão, no tempo em que seus pais ainda estavam vivos, quando os Baudelaire abriram uma barraca para vender limonada na frente de casa; os três estavam nervosos. Seguiram o capataz Flacutono para dentro da serraria e viram que tudo se resumia a um único espaço imenso, tomado por máquinas enormes. Violet olhou para uma máquina de aço brilhante com uma pinça, também de aço, que se assemelhava à pinça de um caranguejo, e tentou imaginar como funcionava aquela invenção. Klaus examinou uma máquina que parecia uma grande gaiola, com um enorme rolo de corda preso em seu interior, e tentou lembrar-se do que já lera sobre serrarias. Sunny olhou para uma máquina enferrujada de aparência obsoleta, aparelhada com uma serra circular cujos dentes eram de causar medo e que a fizeram pensar se seriam mais afiados do que os seus próprios dentes. E os três Baudelaire tiveram a atenção despertada para uma

máquina, coberta de minúsculas chaminés, que sustentava uma pedra grande e plana no ar; tentavam imaginar por que ela estava ali.

Os Baudelaire, entretanto, dispuseram apenas de uns poucos segundos para alimentar sua curiosidade sobre aquelas máquinas, até o capataz Flacutono começar a bater as duas panelas uma na outra e vociferar suas ordens. “As toras!”, gritou ele.

“Liguem a pinça mecânica e comecem o processamento das toras!” Phil correu para a pinça mecânica e apertou um botão cor de laranja no aparelho. Emitindo um silvo áspero, os braços da pinça se abriram e se estenderam em direção à parede mais distante da serraria. Os órfãos estavam tomados de uma curiosidade tão grande pelas máquinas que nem sequer tinham reparado na pilha imensa de árvores estocadas, com folhas, raízes e tudo o mais, ao longo de uma das paredes da serraria; era como se um gigante houvesse simplesmente arrancado do solo uma pequena floresta e depois a jogado dentro daquele espaço. Os braços da pinça agarraram a árvore que estava em cima da pilha e começaram a pousá-la no chão da serraria, enquanto o capataz Flacutono vibrava estrondosamente suas panelas aos gritos de: “Os decorticadores! Os decorticadores!”.

Uma funcionária andou até a parede mais distante da serraria, onde havia uma coleção de caixinhas verdes e uma pilha de chapas retangulares de ferro, finas e compridas como uma enguia adulta. Sem dizer uma palavra, apanhou a pilha de chapas e começou a distribuí-las aos operários. “Peguem um decorticador”, sussurrou para os órfãos. “Um para cada um.”

As crianças pegaram seu decorticador e ficaram lá plantadas, aguardando confusas e com fome, enquanto a primeira árvore tocava o chão. O capataz Flacutono voltou a bater as duas panelas uma na outra, e os operários juntaram-se em torno da árvore e começaram a raspar a sua casca com os decorticadores, aparando o tronco como você ou eu descascamos legumes. “Vocês também, anões!”, gritou o capataz, e as crianças se aninharam entre os adultos para participar da raspagem. Phil descrevera os rigores do trabalho numa serraria, e os irmãos puderam imaginar que não era fácil. No entanto, como vocês estão lembrados, Phil era um otimista, e o trabalho demonstrou ser muito pior do que o anunciado. Em primeiro lugar, os decorticadores tinham o tamanho apropriado para adultos, de modo que para as crianças foi difícil manejá-los. Sunny não conseguiu sequer levantar seu decorticador, e acabou substituindo-o por seus próprios dentes, mas Violet e Klaus, que tinham dentes apenas medianamente afiados, se viram forçados a batalhar a duras penas com os decorticadores. Por mais que se esforçassem, os três órfãos não arrancaram mais do que uns poucos pedaços da casca. Isso sem falar que, como não haviam feito nenhuma refeição matinal, com o passar das horas a fome era tanta que mesmo os dois mais velhos já não conseguiam segurar o decorticador, muito menos raspar a árvore com ele. E tem mais: assim que uma árvore ficava enfim sem a casca, na mesma hora a pinça

mecânica depositava outra sobre o chão e eles tinham que começar tudo de novo, o que era de uma chatice extrema. Pior de tudo, entretanto, era o barulho simplesmente ensurdecedor na Serraria Alto-Astral. Havia o som desagradável e prolongado dos decorticadores vencendo a resistência da casca. Havia o silvo áspero dos braços da pinça mecânica, que se abriam para pegar e deslocar as toras. E ainda a barulheira horrenda que o capataz Flacutono fazia batendo suas panelas uma contra a outra. Os órfãos foram ficando exaustos e frustrados. O estômago doía, os ouvidos zumbiam. E o tédio atingia proporções inacreditáveis.

Por fim, os operários concluíram sua décima quarta tora. O capataz Flacutono bateu as panelas e gritou: "Parada para o almoço!". Os funcionários cessaram a raspagem, cessou o silvo da pinça mecânica, e todos se sentaram, exaustos, no chão. O capataz Flacutono jogou por terra as suas panelas, andou até as caixinhas verdes e apanhou uma. Abriu-a com um rasgo e começou a jogar uns quadradinhos cor-de-rosa para os operários, um para cada um. "Vocês têm cinco minutos para almoçar!", gritou, lançando três quadradinhos para as crianças. Deu para os Baudelaire perceberem a marca úmida que apareceu na máscara cirúrgica do capataz, formada pela saliva que saltava de sua boca ao dar as ordens. "Só cinco minutos!" Da marca úmida sobre a máscara o olhar de Violet passou para o quadrado cor-de-rosa que tinha em sua mão, e por um instante não conseguiu acreditar no que estava vendo. "É chiclete!", disse. "Isto é um chiclete!" Klaus olhou para o quadrado de sua irmã, depois para o seu. "Chiclete não é almoço!", exclamou. "Chiclete não é nem petisco!"

"Tanco!", gritou Sunny, querendo dizer algo como: "E chiclete não é para se dar aos bebês, que podem engasgar e até ficar sufocados com ele!".

"É melhor vocês comerem o chiclete", disse Phil saindo do seu lugar para sentar-se junto das crianças. "Não alimenta grande coisa, mas é tudo o que eles deixarão vocês comerem até a hora do jantar."

"Bem, talvez a gente possa levantar-se um pouco mais cedo amanhã", disse Violet, "e preparar uns sanduíches."

"Não temos nenhum ingrediente para preparar sanduíches", disse Phil. "Temos só uma refeição à noite e em geral é carne com legumes cozidos."

"Bem, talvez a gente possa ir à cidade e comprar alguns ingredientes", disse Klaus.

"Bem que eu gostaria", disse Phil, "mas não temos nenhum dinheiro."

"E o salário de vocês?", perguntou Violet. "Vocês podem gastar uma parte do dinheiro que ganham com ingredientes para sanduíches."

Phil sorriu tristemente para as crianças e enfiou a mão no bolso. "Na Serraria Alto-Astral", disse, tirando do bolso uma porção de pedacinhos de papel, "eles não nos pagam em dinheiro. Pagam em tíquetes. Vejam, isso foi

o que todos nós ganhamos ontem: vinte por cento de desconto num xampu no Salão de Cabeleireiros do Sam. Na véspera havíamos ganhado esse tíquete que vale um chá gelado e na semana passada recebemos este aqui: 'Compre dois banjos e ganhe um de graça. O problema é que não podemos comprar dois banjos porque tudo o que temos são esses tíquetes."

"Nelnu!", gritou Sunny, mas o capataz Flacutono começou a bater as panelas antes que alguém pudesse compreender o que ela quis dizer.

"Terminou o almoço!", gritou ele. "Voltem todos ao trabalho! Todos menos vocês, Baudelarápios! O patrão quer ver vocês três no escritório dele, imediatamente!" Os três irmãos pousaram seus decorticadores no chão e se entreolharam. Por causa do trabalho tão pesado eles quase haviam se esquecido de ir conhecer o novo tutor, aquele do nome difícil de pronunciar. Que espécie de homem seria capaz de forçar crianças pequenas a trabalhar numa serraria? Que espécie de homem seria capaz de contratar um monstro como o capataz Flacutono? Que espécie de homem seria capaz de pagar seus empregados com tíquetes, e de alimentá-los só com chicletes?

O capataz Flacutono voltou a bater as panelas e apontou para a porta; as crianças passaram do recinto barulhento ao silencioso pátio. Klaus tirou do bolso o mapa e indicou às irmãs o caminho para o escritório. A cada passo, as crianças levantavam pequenas nuvens de poeira em sintonia com as nuvens de ansiedade que pairavam sobre elas. Seus corpos doíam com o esforço do trabalho matinal, e havia uma sensação de mal-estar nos seus estômagos vazios. Como já dera para pressentir logo no início da manhã, as crianças estavam tendo um mau dia. Mas, à medida que se aproximavam do escritório, crescia nelas a suspeita de que as coisas ainda podiam piorar.



CAPÍTULO QUATRO

Todos vocês sabem, tenho certeza disso, que se houver um espelho por perto é quase impossível alguém não se olhar nele por pelo menos um instante. Apesar de estarmos fartos de conhecer nossa aparência, gostamos de simplesmente dar uma olhada em nosso reflexo, nem que seja só para conferir se estamos bem. Enquanto esperavam do lado de fora do escritório o encontro com seu novo tutor, os órfãos Baudelaire viram-se num espelho pendurado na parede do hall e perceberam de imediato que não estavam tão bem. Pareciam cansados e famintos. O cabelo de Violet achava-se todo coberto de pedacinhos de casca de árvore. Os óculos de Klaus estavam tortos, mal posicionados, expressão que aqui quer dizer "tombados para um lado por ele ter passado a manhã inteira inclinado sobre as toras". E havia pedacinhos de madeira presos entre os quatro dentes de Sunny por ela os ter usado como

decorticadores. Por trás deles, refletida no espelho, havia uma pintura de uma praia; o quadro, que estava pendurado na parede oposta, só contribuiu para piorar o mal-estar deles, porque praia sempre lhes trazia à lembrança aquele dia terrível em que os três irmãos foram se divertir à beira-mar e de repente receberam do sr. Poe a notícia de que seus pais haviam morrido. As crianças olharam para os seus próprios reflexos no espelho, depois para a paisagem de praia por trás delas, e foi quase insuportável pensar em tudo o que lhes acontecera desde então.

"Se naquele dia na praia alguém tivesse me dito", falou Violet, "que em pouco tempo eu estaria morando na Serraria Alto-Astral, eu diria que essa pessoa estava maluca."

"Se naquele dia alguém tivesse me dito", falou Klaus, "que em pouco tempo eu me veria perseguido por uma criatura gananciosa e perversa chamada conde Olaf, eu diria que essa pessoa era doida varrida."

"Wora", falou Sunny, querendo dizer algo como: "Se naquele dia alguém tivesse me dito que em pouco tempo eu estaria usando meus dentes para descascar árvores, eu diria que essa pessoa era psico-neuroticamente perturbada". Os órfãos olharam consternados para seus reflexos, e seus reflexos consternados lhes retribuíram o olhar. Os Baudelaire passaram alguns momentos pensando nos misteriosos caminhos que suas vidas estavam tomando, e estavam tão profundamente mergulhados em seus pensamentos que chegaram a dar um pequeno salto quando alguém falou.

"Vocês devem ser Violet, Klaus e Sunny Baudelaire", disse esse alguém, e as crianças se voltaram para o lugar de onde vinha a voz e depararam com um homem muito alto de cabelos bem curtos. Ele vestia um colete azul-claro e segurava um pêssego. Sorriu e caminhou em direção aos irmãos, mas franziu a testa ao chegar mais perto. "Ei, vocês estão cobertos de lascas de casca de árvore", disse. "Espero que não tenham se aproximado da serraria. É um lugar muito perigoso para crianças pequenas." Violet olhou para o pêssego e ficou na dúvida se teria coragem de pedir uma mordida. "Estivemos trabalhando lá a manhã toda", disse. O homem fechou a cara. "Trabalhando lá?"

Klaus olhou para o pêssego e teve que se conter para não arrancá-lo da mão do fulano. "Sim", disse. "Recebemos suas instruções e pegamos direto no trabalho. Hoje foi justamente o dia de trabalhar com toras."

O homem coçou a cabeça. "Instruções?", perguntou. "Do que é que vocês estão falando?"

Sunny olhou para o pêssego e o máximo de autodomínio que conseguiu foi se conter para não dar um bote e enfiar os dentes na fruta. "Molub!", gritou, o que provavelmente significava: "Estamos falando do bilhete datilografado que nos mandou ir trabalhar na serraria!", ou algo parecido.

“Bem, não entendo como três pessoas tão jovens como vocês foram parar na serraria, mas peço que aceitem minhas desculpas; e permitam-me dizer que isso não acontecerá de novo. Gente, vocês são crianças, pelo amor de Deus! Serão tratados como membros da família!”

Os órfãos se entreolharam. Será que as horríveis experiências em Paltryville não teriam passado de um equívoco? “O senhor quer dizer que não vamos mais precisar descascar troncos de árvores?”, perguntou Violet.

“Claro que não”, disse o homem. “Não posso acreditar que tenham sequer deixado vocês entrarem lá. Vou falar sobre isso com o novo tutor de vocês, imediatamente.”

“Não é o senhor o nosso novo tutor?”, perguntou Klaus.

“Não”, disse o homem. “Peço desculpas por não me ter apresentado. Meu nome é Charles, e é um prazer ter vocês três aqui na Serraria Alto-Astral.”

“O prazer é nosso em estar aqui”, mentiu Violet educadamente.

“Acho difícil acreditar nisso”, disse Charles, “sabendo como vocês foram forçados a trabalhar na serraria, mas deixemos isso para trás. Ficou no passado e nós vamos começar do presente. Que tal um pêssego?”

“Eles já almoçaram!”, exclamou uma voz tonitruante; os órfãos fizeram um rápido giro de cento e oitenta graus e encararam fixamente o dono da voz. Era bem baixo, mais baixo do que Klaus, e vestia um terno de um tecido verde-escuro brilhante que o deixava mais parecido com um réptil do que com uma pessoa. O que mais atraíra o olhar deles, entretanto, fora o rosto — ou melhor, a nuvem de fumaça que estava cobrindo o rosto daquele homem. Ele fumava um charuto cuja fumaça cobria-lhe toda a cabeça. A nuvem de fumaça deixou os Baudelaire na maior curiosidade; queriam saber como era o rosto dele, e talvez vocês tenham a mesma curiosidade, mas terão que levar essa curiosidade para o túmulo, pois vou lhes dizer agora, antes de prosseguir esta narrativa, que os Baudelaire jamais viram o rosto desse homem, e eu tampouco, e vocês também ficarão sem o ver.

“Oh, como está, senhor?”, disse Charles. “Acabei de conhecer os meninos Baudelaire. O senhor sabia que eles haviam chegado?”

“Claro que sabia que eles haviam chegado”, disse o homem com rosto de fumaça. “Não sou nenhum idiota.”

“Não, claro que não”, disse Charles. “Mas o senhor foi informado de que os puseram de serviço na serraria? E logo hoje, dia de trabalhar com toras! Eu estava acabando de explicar-lhes que foi um terrível equívoco...”

“Não foi um equívoco”, disse o homem. “Não cometo equívocos, Charles. Não sou nenhum idiota.” Ele se virou de tal modo que a nuvem de fumaça ficou bem à frente das crianças. “Olá, órfãos Baudelaire. Achei que devíamos nos ver, vocês e eu.”

“Batex!”, gritou Sunny, o que provavelmente significava: “Mas nós não estamos nos vendo!”.

“Não tenho tempo para discutir isso”, disse o homem. “Então vocês já conheceram Charles. Ele é meu sócio. Dividimos tudo meio a meio, o que me parece justo. Vocês não acham?”

“Acho que sim”, disse Klaus. “Não entendo muito do negócio de serraria.”

“É justo, sim, não resta dúvida”, disse Charles.

“Pois bem”, disse o homem, “também quero dar a vocês três um trato justo. Soube do que aconteceu a seus pais, foi realmente um horror. E também soube tudo sobre o tal conde Olaf, que tem jeito de ser um estúpido de marca maior, e sobre aquelas pessoas esquisitas que trabalham para ele. Por isso, quando o sr. Poe entrou em contato comigo, pensei numa solução: tentarei assegurar que o conde Olaf e seus comparsas jamais cheguem perto de vocês, e vocês trabalharão na minha serraria até atingirem a maioridade e tiverem a posse de todo aquele dinheiro. É ou não é um trato justo?” Os órfãos Baudelaire não responderam, porque lhes pareceu que a resposta era óbvia. Num trato justo, como todo mundo sabe, as duas partes oferecem uma à outra algo que tenha mais ou menos o mesmo valor. Se você estivesse chateado de brincar com seu kit de química e o oferecesse a seu irmão em troca do carrinho de bombeiros dele, seria um trato justo. Se alguém me oferecesse sair clandestinamente do país num barco a vela em troca de ingressos gratuitos para um show de patinação no gelo, seria um trato justo. Mas trabalhar durante anos numa serraria em troca de o proprietário tentar manter o conde Olaf à distância é um trato extremamente injusto, e as três crianças sabiam muito bem disso.

“Ora, senhor”, disse Charles, com um sorriso nervoso para os Baudelaire. “O senhor não pode estar falando sério. Serraria não é lugar para crianças pequenas trabalharem.”

“Claro que é”, disse o homem. Levou uma das mãos para dentro da fumaça a fim de aliviar uma coceira em alguma parte de seu rosto. “É um modo de ensinar-lhes responsabilidade. Ensinar-lhes o valor do trabalho. Ensinar-lhes como fazer tábuas bem aplainadas com a madeira das árvores.”

“Bem, o senhor deve estar certo”, disse Charles, dando de ombros.

“Poderíamos ler sobre todas essas coisas”, disse Klaus, “e aprender tudo isso nos livros.”

“Isso é verdade”, disse Charles. “Eles poderiam estudar na biblioteca. Parecem muito bem comportados, e estou certo de que não criariam nenhum problema.”

“Essa sua biblioteca!”, disse o homem rispidamente. “Um absurdo! Não dêem atenção ao Charles, crianças. Meu sócio insistiu em que criássemos

uma biblioteca para os empregados, e eu deixei. Mas não é algo que substitua o trabalho esforçado."

"Por favor, senhor", pediu Violet, "ao menos deixe que nossa irmãzinha fique no dormitório. Ela ainda é um bebê."

"Propus a vocês um acordo muito bom", disse o homem. "Garanto que, enquanto ficarem do lado de dentro do portão, esse conde Olaf não chegará perto de vocês. E lembrem-se que estou dando de lambuja um lugar onde dormir, um jantar quentinho e uma goma de mascar no almoço. Tudo o que vocês precisam dar em troca são uns poucos anos de trabalho. Parece-me um acordo muito bom. Bem, foi um prazer conhecê-los. A menos que vocês tenham alguma pergunta a fazer, vou me retirar agora. Minha pizza está esfriando, e se há uma coisa que eu detesto é comer o almoço frio."

"Tenho uma pergunta", disse Violet, embora na verdade ela tivesse muitas perguntas. A maioria começava com "Como o senhor pode...". "Como o senhor pode obrigar crianças pequenas a trabalhar numa serraria?" era uma delas. "Como o senhor pode tratar-nos de forma tão horrível, depois de tudo por que passamos?" era outra. E ainda "Como o senhor pode pagar seus empregados com tíquetes em vez de dinheiro?" e "Como o senhor pode nos dar só um chiclete para almoço?" e "Como o senhor pode aguentar ter uma nuvem de fumaça a cobrir o seu rosto?". Porém não parecia conveniente fazer nenhuma dessas perguntas, pelo menos não em voz alta. Violet então encarou o seu tutor, fixando o olhar na nuvem, e perguntou: "Qual é o seu nome?". "Não se preocupe com meu nome", disse o homem. "De qualquer forma, ninguém é capaz de pronunciá-lo. Chame-me simplesmente de Senhor."

"Levarei as crianças até a porta, Senhor", disse Charles rapidamente, e despedindo-se com um aceno de mão o proprietário da Serraria Alto-Astral retirou-se. Nervoso, Charles esperou um momento para ter certeza de que Senhor já se afastara o suficiente. Voltou-se então para os garotos e estendeu-lhes o pêssego. "Não liguem para o que ele disse sobre vocês já terem almoçado", falou. "Tomem este pêssego."

"Oh, obrigado", disse Klaus, e mais que depressa dividiu o pêssego com suas irmãs, dando o pedaço maior para Sunny porque ela nem ao menos se servira do chiclete. Os Baudelaire devoraram o pêssego; e em circunstâncias normais não teria sido educado comer algo tão depressa e tão ruidosamente, sobretudo diante de alguém que eles mal conheciam. No entanto, a presente circunstância nada tinha de normal, de forma que até um perito em boas maneiras haveria de desculpá-los pela voracidade.

"Querem saber de uma coisa?", disse Charles. "Por me parecerem ser crianças tão legais, e porque trabalharam tão pesado hoje, vou fazer algo para vocês. Adivinhem o quê?"

"Falar com Senhor", disse Violet, enxugando o sumo do pêssego que grudara no seu queixo," e convencê-lo de que não deveríamos trabalhar na

serraria.”

“Não é bem isso”, admitiu Charles. “Não adiantaria nada. Ele não me atenderia.”

“Mas você é sócio dele”, assinalou Klaus.

“Isso não importa”, respondeu Charles. “Uma vez que Senhor toma uma decisão, a decisão está tomada. Sei que às vezes ele é um pouco mesquinho, mas vocês têm que desculpá-lo. Passou uma infância terrível. Entendem?”

Violet olhou para o quadro da praia e tornou a pensar naquele dia pavoroso do passeio à beira-mar. “Entendo, sim”, suspirou ela. “Entendo muito bem. Acho que eu também estou vivendo uma infância terrível.”

“Bem, sei o que vai fazer vocês se sentirem melhor”, disse Charles, “pelo menos um pouquinho que seja. Deixem-me mostrar a biblioteca antes de vocês voltarem ao trabalho. Depois podem visitá-la sempre que quiserem. Venham comigo, fica no fundo do corredor.”

Charles seguiu à frente dos Baudelaire e atravessou o corredor; ainda que logo fossem voltar ao trabalho, e ainda que lhes tivessem oferecido o menos justo dos acordos já oferecidos a crianças, os três irmãos se sentiram um pouco melhor. As bibliotecas sempre tinham esse efeito de fazê-los se sentir melhor, fosse a biblioteca do tio Monty com livros sobre répteis, ou a biblioteca da tia Josephine com livros de gramática, ou a da juíza Strauss com livros jurídicos, ou, e sobretudo, a biblioteca de seus pais com toda a sorte de livros — hoje todos queimados, desgraçadamente. Saber que poderiam ler algo já foi bastante para que os órfãos Baudelaire sentissem que poderia haver uma luz em suas vidas tenebrosas. No final do corredor ficava uma portinha; Charles parou ao chegar a ela, sorriu para os garotos e abriu-a.

A biblioteca era uma sala ampla, arrumada com elegantes estantes de madeira e sofás que pareciam confortáveis, onde as pessoas podiam sentar-se para desfrutar a leitura. Numa das paredes tinha uma série de janelas através das quais entrava luz bastante para a leitura, e em outra parede estavam enfileiradas pinturas de paisagens, ideais para descanso dos olhos. Ao entrar na sala, os Baudelaire fizeram um exame do que havia à sua volta. Mas não se sentiram melhor de maneira alguma.

“Onde estão os livros?”, perguntou Klaus. “Todas essas estantes elegantes inteiramente vazias!...”

“Esse é o único defeito da biblioteca”, admitiu Charles. “Senhor não quis me dar dinheiro para comprar livros.”

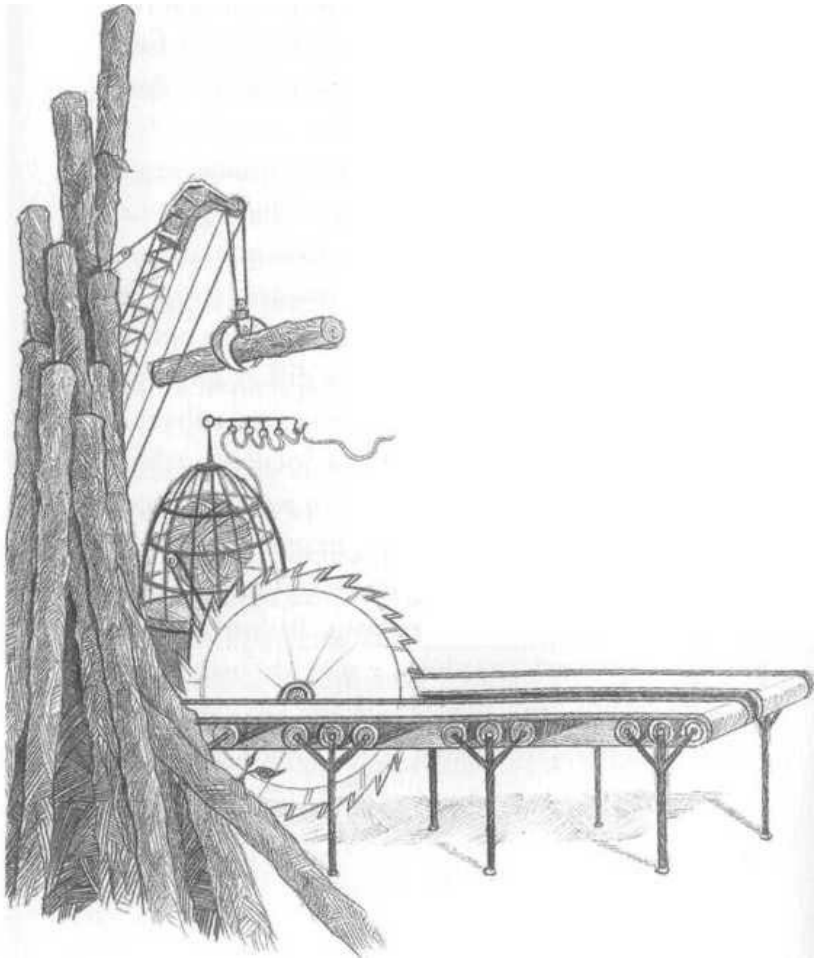
“Você quer dizer que é uma biblioteca sem nenhum livro?”, perguntou Violet.

“Com apenas três”, disse Charles, e andou até a estante mais afastada. lá, na prateleira de baixo, viam-se três livros isolados. “Sem dinheiro, é claro,

ficou difícil comprar livros, mas houve três doações. Senhor doou o seu livro A história da Serraria Alto-Astral. O prefeito de Paltryville doou seu livro A Constituição de Paltryville. E este aqui é Ciência ocular avançada, doado por uma figura bastante respeitada, Orwell, oftalmologista residente na cidade."

Charles apanhou os três livros, para que os Baudelaire vissem cada um deles, e as crianças não despregaram os olhos dos volumes, demonstrando aflição e medo. Na capa de A história da Serraria Alto-Astral tinha, um retrato de Senhor, com uma nuvem de fumaça cobrindo seu rosto. A Constituição de Paltryville tinha uma foto da agência dos correios de Paltryville, com o sapato velho pendurado no topo do mastro que ficava na fachada. Porém foi a capa de Ciência ocular avançada que deixou os Baudelaire de olhos esbugalhados.

Vocês já devem ter ouvido falar — muitas vezes, aposto — que não se deve julgar um livro pela capa. Mas assim como é difícil acreditar que um homem que não é médico usa uma máscara cirúrgica e uma peruca branca possa revelar-se uma pessoa encantadora, para os meninos era difícil acreditar que Ciência ocular avançada pudesse trazer-lhes algo além de problemas. A palavra "ocular", talvez vocês não saibam, significa "relativo ao olho", mas, mesmo que não soubessem, poderiam ter imaginado pela capa. Pois lá estava uma imagem que os meninos reconheceram de imediato. Reconheceram por tê-la visto em pesadelos e na vida real. Era a imagem de um olho, e os Baudelaire logo reconheceram que se tratava da marca do conde Olaf.



CAPÍTULO CINCO

Nos dias que se seguiram, os órfãos Baudelaire sentiram que tinham um nó no estômago. No caso de Sunny até dava para entender, porque, quando Klaus dividiu o pêssego entre os três, ela ficou com a parte do caroço. Em geral, é claro, ninguém come o caroço, mas Sunny estava morrendo de fome e, além do mais, tinha preferência por coisas duras, de modo que o caroço acabou indo parar no estômago dela juntamente com as partes da fruta que vocês ou eu poderíamos achar mais apetitosas. Mas o nó nos estômagos dos Baudelaire não tinha tanto a ver com o petisco que Charles lhes havia oferecido, e sim com a sensação de estarem irremediavelmente condenados. Eles tinham certeza de que o conde Olaf os espreitava nas proximidades, como um predador que espera para saltar de surpresa sobre suas vítimas. Por isso, todas as manhãs quando o capataz Flacutono batia suas panelas para acordar todo mundo, os Baudelaire examinavam-no a fim de ter certeza de que o conde Olaf não havia tomado o seu lugar. Seria típico do conde Olaf pôr uma peruca branca na cabeça e uma máscara cirúrgica sobre o rosto para

surpreender e raptar os Baudelaire assim que eles saíssem da cama. Mas o capataz Flacutono continuava com seus olhos escuros, pequenos e redondos, nem um pouco parecidos com os olhos brilhantes do conde Olaf, e falava sempre com sua voz rascante e abafada, o oposto da voz vibrante e contundente do conde Olaf. Quando as crianças atravessavam o pátio de chão de terra para chegar à serraria, aguçavam o olhar para um exame atento dos empregados, seus colegas. Seria típico do conde Olaf arranjar um modo de ser contratado como funcionário e então raptar os órfãos quando o capataz Flacutono não estivesse olhando. Entretanto, o que se notava nos operários era um ar cansado, triste e faminto — nenhum deles parecia ser mau, ganancioso, nem tinha as horríveis maneiras do conde Olaf. E, enquanto tinham a impressão de que lhes arrancavam o couro nos serviços da serraria — a expressão "arrancar o couro" é usada aqui no sentido de que o seu trabalho era bem duro e cansativo, só isso —, os órfãos ficavam imaginando se o conde Olaf não usaria alguma das enormes máquinas para, de alguma forma, apossar-se da fortuna deles. Mas não parecia ser este o caso. Depois de alguns dias arrancando a casca das árvores, os decorticadores foram levados de volta ao canto em que ficavam guardados, e a gigantesca pinça mecânica foi desligada. O passo seguinte consistia em carregar nos braços os troncos decorticados, um por um, e levá-los à serra circular, com seu zumbido irritante, para que cada tronco fosse fatiado e convertido em muitas tábuas aplainadas. Os braços dos garotos não tardaram a doer e a cobrir-se de farpas de madeira com o esforço de carregar todas aquelas toras, mas o conde Olaf não se aproveitou de seus braços enfraquecidos para raptá-los. Passados alguns dias de trabalho com a serra, o capataz Flacutono ordenou a Phil que ligasse a máquina com o enorme rolo de corda. A máquina desenrolava a corda com a qual os empregados amarravam os feixes, dando nós muito complicados para que as tábuas não se soltassem umas das outras. Os dedos das crianças ficaram tão feridos que elas mal conseguiam segurar os tíquetes com que eram pagos a cada dia, mas o conde Olaf não apareceu para forçá-los a entregar sua fortuna. Dias dolorosos se seguiram a dias dolorosos, o tempo passou e, embora os Baudelaire estivessem convencidos de que ele devia estar por perto, o conde Olaf simplesmente não deu sinal de vida. Era uma situação muito intrigante. Muito enigmática.

"É muito enigmático", disse Violet certo dia, na pausa concedida aos operários para mascarem o chiclete. "Não se descobre o conde Olaf em parte alguma."

"Eu sei", disse Klaus, acariciando o polegar direito, o dedo mais machucado.

"Aquela casa no final da rua lembra sua tatuagem, e a capa do livro também. Mas o próprio conde Olaf não deu as caras."

"Elund!", exclamou Sunny, pensativa. Provavelmente queria dizer: "É espantoso, não resta dúvida", ou algo do gênero.

Violet estalou os dedos (com uma careta, porque doeu) e disse: “Tive uma idéia. Klaus, você acabou de dizer que ele não deu as caras. Talvez não tenha mostrado a cara, sim, mas e se estivesse com disfarce, e se ele fosse... Senhor? Não dá para dizer qual a aparência real de Senhor por causa daquela nuvem de fumaça. O conde Olaf pode ter vestido um terno verde-escuro, e fumado tanto só para nos enganar”.

“Também pensei nisso”, disse Klaus. “Mas ele é muito mais baixo que o conde Olaf, e não sei como alguém pode se disfarçar como uma pessoa muito mais baixa.”

“Chorn!”, observou Sunny, provavelmente querendo dizer: “E sua voz não se parece nada com a do conde Olaf”.

“É verdade”, disse Violet, e deu para Sunny um pedacinho de madeira que estava caído no chão. Como chiclete era algo que não se devia dar aos bebês, os irmãos mais velhos lhe ofereciam essas lascas de madeira na pausa para o almoço. Sunny não comia a madeira, é claro, mas ficava mastigando-a, fazendo de conta que era uma cenoura, ou uma maçã, ou uma tortilla recheada com queijo e carne, delícias que ela adorava.

“Pode ser que o conde Olaf simplesmente não nos tenha encontrado”, disse Klaus. “Afinal de contas, Paltryville é um lugar perdido no mapa. Ele poderia levar anos para nos localizar.”

“Pelli!”, exclamou Sunny, querendo dizer algo como: “Porém isso não explica a casa em forma de olho, nem a capa do livro!”.

“Essas coisas podem ter sido apenas uma coincidência”, admitiu Violet. “O medo que sentimos do conde Olaf é tanto que talvez nos faça pensar que o vemos em toda parte. Talvez ele não apareça. Talvez estejamos em segurança aqui.”

“É isso aí: pensamento positivo”, disse Phil, que estivera sentado perto deles todo esse tempo. “Procurem ver as coisas pelo melhor ângulo. A Serraria Alto-Astral pode não ser o lugar favorito de vocês, mas pelo menos não há nem sinal desse cara, Olaf, de quem vocês estão sempre falando. Esta pode vir a ser a fase mais feliz da vida de vocês.”

“Admiro o seu otimismo”, disse Klaus, sorrindo para Phil.

“Eu também”, disse Violet.

“Tenpa”, concordou Sunny.

“Pensamento positivo!”, tornou a dizer Phil, e levantou-se para esticar as pernas. Os órfãos Baudelaire assentiram com a cabeça, contudo se entreolharam pelo canto dos olhos. Era bem verdade que o conde Olaf não aparecera, ou pelo menos não aparecera até então. Mas a situação deles estava longe de ser feliz. Eles tinham que acordar diariamente ao bater das panelas, e receber ordens do capataz Flacutono a torto e a direito. No almoço

recebiam apenas chicletes — ou, no caso, de Sunny, tortillas imaginárias. E o pior de tudo: trabalhar na serraria era tão exaustivo que não lhes sobrava energia para fazer mais nada. Apesar de estar perto de máquinas complicadas todos os dias, havia muito tempo Violet nem sequer pensava em inventar algo. Apesar de ter livre acesso à biblioteca de Charles, Klaus nem sequer olhara de relance para nenhum dos três livros. E apesar das muitas coisas duras que havia à sua volta para morder, Sunny não se exercitara tanto nessa atividade. As crianças sentiam saudades da época em que estudavam répteis com o tio Monty. Sentiam saudades da época em que moravam com tia Josephine, com a vista espetacular para o Lago Lacrimoso. E, mais do que tudo, é claro, sentiam saudades da época em que moravam com seus pais, quando, afinal de contas, tinham um verdadeiro lar.

"Bem", disse Violet, depois de uma pausa, "só teremos que trabalhar aqui por mais alguns anos. Assim que eu atingir a maioridade, poderemos usar parte da nossa fortuna. Gostaria de construir um estúdio onde pudesse me dedicar às minhas invenções, talvez com vista para o Lago Lacrimoso, onde antigamente ficava a casa de tia Josephine, assim teríamos sempre conosco a lembrança dela."

"E eu gostaria de construir uma biblioteca", disse Klaus, "que seria aberta ao público. E sempre esperei que um dia pudéssemos voltar para a coleção de répteis do tio Monty e cuidar de cada um dos seus espécimes."

"Dole!", gritou Sunny, o que significava: "E eu poderia ser uma dentista!".

"Por favor, me digam o que vem a ser Dole?"

Os órfãos voltaram-se e viram que Charles entrara na serraria. Sorria para eles e tirava algo do bolso.

"Oi, Charles", disse Violet. "Que bom ver você. Por onde andou?"

"Passando as camisas de Senhor", respondeu Charles. "Ele tem uma porção de camisas e, como está sempre ocupado, não tem tempo para passá-las ele mesmo. Eu quis vir ver vocês antes, mas demorei muito passando a roupa toda. Trouxe uns salgadinhos para vocês. Só um pouquinho, porque tive medo de que Senhor desse pela falta; aqui está."

"Muito obrigado", disse Klaus educadamente. "Vamos dividir com os outros empregados."

"Tudo bem", disse Charles, "mas na semana passada eles receberam um tíquete com direito a um desconto de trinta por cento na compra de salgadinhos, de modo que provavelmente o compraram em quantidade."

"Pode ser", disse Violet, embora soubesse muito bem que não havia jeito de os operários conseguirem comprar nada. "Charles, estávamos para lhe fazer uma pergunta sobre um dos livros em sua biblioteca. Sabe aquele com o olho na capa? Onde foi que...?"

A pergunta de Violet foi interrompida pelo som das panelas do capataz Flacutono, que batia uma contra a outra. “De volta ao trabalho!”, gritou ele. “De volta ao trabalho!

Temos que terminar de amarrar os feixes hoje, e não há tempo para conversa fiada!”

“Eu gostaria apenas de falar com essas crianças por mais alguns minutos, capataz Flacutono”, disse Charles. “Só mais um pouquinho certamente não fará diferença.”

“Não e não, de jeito nenhum!”, disse o capataz Flacutono encaminhando-se para os órfãos. “Recebi ordens de Senhor, e pretendo cumpri-las. A não ser que seja sua intenção falar com Senhor que...”

“Não, nada disso”, apressou-se em dizer Charles, recuando e evitando a aproximação com o capataz Flacutono. “Não creio que seja necessário.”

“Ótimo”, disse o capataz encerrando o assunto. “E agora, levantem-se, anões! Terminou o almoço!”

Os meninos suspiraram e puseram-se de pé. Havia muito tempo tinham desistido de convencer o capataz Flacutono de que não eram anões. Despediram-se de Charles com um aceno e foram caminhando devagar em direção aos feixes de tábuas que os esperavam, com o capataz Flacutono seguindo atrás deles; nesse momento um dos irmãos foi vítima de uma brincadeira de mau gosto que espero que ninguém faça com vocês, nunca. A brincadeira consiste em pôr o pé estendido à frente de uma pessoa que está andando para que ela tropece e caia no chão. Um policial fez isso comigo certa vez, quando eu estava carregando uma bola de cristal que pertencia a uma cigana que lia a sorte das pessoas, e ela nunca me perdoou por ter levado aquele tombo e espatifado sua bola em mil pedaços. É uma brincadeira de mau gosto, muito fácil de fazer, e lamento dizer que o capataz Flacutono a fez com Klaus naquele exato momento. Klaus caiu no chão da serraria, seus óculos pularam do seu rosto e resvalaram pelo chão até esbarrar no feixe de tábuas.

“Ei!”, disse Klaus. “Você me passou uma rasteira!” Um dos aspectos mais irritantes desse tipo de brincadeira é que a pessoa que a praticou costuma fingir que não sabe do que você está falando. “Não sei do que você está falando”, disse o capataz Flacutono.

Klaus estava muito aborrecido para discutir. Levantou-se, e Violet foi apanhar os óculos dele. Mas, quando ela se abaixou para apanhá-los, viu na mesma hora que havia algo de muito errado.

“Cabo!”, gritou Sunny, e ela falou a verdade. Em seu percurso pela sala, os óculos sofreram atrito forte com o chão, e o esbarrão no feixe de tábuas fora um choque dos mais violentos. Violet pegou os óculos, que estavam iguais a uma peça de escultura moderna feita há muito tempo por uma amiga

minha. A escultura intitulava-se Desconjuntada, rachada e irremediavelmente quebrada.

"Os óculos de meu irmão!", exclamou Violet. "Estão torcidos e rachados! Estão irremediavelmente quebrados, e ele quase não consegue ver coisa alguma sem eles!"

"Azar o dele", disse o capataz Flacutono, dando de ombros para Klaus.

"Ora, não seja ridículo", disse Charles. "Ele precisa substituir esses óculos. É algo que até uma criança pode ver."

"Uma criança que não seja eu", disse Klaus. "Não consigo ver coisa alguma."

"Bem, segure o meu braço", disse Charles. "Você não tem condições de trabalhar numa serraria sem conseguir ver o que está fazendo. Vou levá-lo imediatamente ao oftalmologista."

"Ah! Obrigada", disse Violet com alívio.

"Há um oftalmo aqui por perto?", perguntou Klaus.

"Sim", respondeu Charles. "O que fica mais perto é Orwell, que escreveu aquele livro de que vocês estavam falando. O consultório fica logo em frente às portas da serraria. Com certeza vocês notaram a construção quando vieram para cá; ela tem o feitio de um olho gigantesco. Vamos indo, Klaus."

"Ah, não, Charles!", disse Violet. "Não o leve lá!" Charles pôs a mão em concha no ouvido. "O que foi que você disse?", perguntou aos berros. Phil acionara um interruptor na máquina do rolo de corda, e o rolo começara a desfiar-se dentro da gaiola, produzindo um ruído muito forte quando os operários retomaram o trabalho.

"Aquela casa tem a marca do conde Olaf!", gritou Klaus, mas o capataz Flacutono começara a bater suas panelas, e Charles sacudiu a cabeça para indicar que não estava conseguindo ouvir.

"Ioriar!", gritou Sunny, no entanto Charles limitou-se a dar de ombros e conduziu Klaus para fora da serraria.

As duas irmãs Baudelaire se entreolharam. O ruído da máquina permanecia e o capataz Flacutono continuava batendo suas panelas. Mas o som mais forte que as duas meninas ouviram não foi nem um nem outro. Mais forte que a máquina, mais forte que as panelas, era o som de seus corações batendo furiosamente quando Charles saiu levando o irmão delas.



CAPÍTULO SEIS

“Ouçam o que estou dizendo, vocês não têm por que se preocupar!”, disse Phil, enquanto Violet e Sunny comiam carne com legumes. Era hora do jantar, porém Klaus ainda não voltara do consultório, e as jovens Baudelaire estavam aflitíssimas. Depois do trabalho, enquanto atravessavam o pátio de terra com os seus colegas, Violet e Sunny arriscaram uma espiada pelo portão e ficaram consternadas ao não ver nem sinal de Klaus. Quando chegaram ao dormitório, Violet e Sunny olharam pela janela à procura do irmão, e estavam tão ansiosas que levaram vários minutos para se dar conta de que a janela não era de verdade, mas apenas um rabisco feito com caneta esferográfica na parede. Deixaram, então, o cômodo e sentaram-se no degrau da soleira da porta, de olhos fixos no pátio vazio, até que Phil as chamou para conversar. Agora já estava ficando perto da hora de dormir, e além de Klaus ainda não ter voltado, Phil insistia em que elas não tinham por que se preocupar.

“Acho que não é bem assim, Phil”, disse Violet. “Acho que há razões para nos preocuparmos. Klaus esteve ausente a tarde inteira, e Sunny e eu estamos preocupadas; pode ter acontecido algo com ele. Algo horrível.”

“Becer!”, concordou Sunny.

“Sei que os médicos podem parecer assustadores para crianças pequenas”, disse Phil, “mas os médicos são amigos e são incapazes de fazer mal a vocês.” Violet olhou para Phil e viu que a conversa deles não levaria a nada. “Você está certo”, ela disse com cansaço, embora ele estivesse bastante enganado. Como todo mundo que já foi a um médico sabe, nem todos os médicos são nossos amigos, como tampouco o são todos os carteiros que entregam nossa correspondência, ou os açougueiros, ou os técnicos que chamamos para consertar a geladeira. O médico é uma pessoa que tem a função de nos fazer sentir melhor, e pronto; e se você já tomou uma injeção sabe que a afirmação “os médicos são incapazes de fazer mal a vocês” é simplesmente absurda. É claro que Violet e Sunny estavam preocupadas com uma possível ligação de Orwell com o conde Olaf, e não a possibilidade de que Klaus tomasse uma injeção, mas era inútil tentar explicar essas coisas a

um otimista. Assim elas se limitaram a comer a carne com legumes e esperar pelo irmão até a hora de dormir.

"Dr. Orwell deve estar atrasado nas consultas", disse Phil, enquanto Violet e Sunny se acomodavam na cama de baixo do beliche. "A sala de espera dele deve estar coalhada de clientes."

"Suski", disse Sunny com tristeza, o que significava: "Espero que sim, Phil", ou algo do gênero.

Phil sorriu para as duas Baudelaire e apagou as luzes do dormitório. Os empregados sussurraram por alguns minutos, depois ficaram em silêncio e não demorou muito para que Violet e Sunny se vissem rodeadas por uma orquestra de roncos. As crianças não dormiram, é claro; ficaram de olhos abertos na escuridão, com um sentimento crescente de ansiedade. Sunny emitiu um som de tristeza que era meio gemido meio rangido, como o som de uma porta se fechando, e Violet pegou nos dedos da irmã, machucados de tanto fazer nós o dia inteiro, e soprou neles delicadamente. Entretanto, ainda que isso aliviasse os dedos da Baudelaire caçula, o mesmo efeito não se estendia ao estado de espírito das irmãs. Deitadas juntas no beliche, tentavam imaginar onde Klaus poderia estar, e o que lhe estaria acontecendo. No entanto, os procedimentos do conde Olaf são tão abomináveis que fica impossível imaginar qual será o seu próximo golpe. O conde Olaf tinha sido capaz de feitos tão horríveis, todos com o objetivo de meter a mão na fortuna dos Baudelaire, que Violet e Sunny mal suportavam imaginar o que poderia estar acontecendo a seu irmão. A medida que a noite avançava e foi ficando cada vez mais tarde, as duas irmãs se puseram a imaginar mais e mais coisas terríveis por que Klaus poderia estar passando, enquanto elas permaneciam deitadas no dormitório sem poder fazer nada.

"Stintamcunu", sussurrou Sunny finalmente, e Violet concordou com a cabeça. Elas tinham que sair à procura dele.

A expressão "com um silêncio de pedra" talvez não se aplique aos movimentos de Violet e Sunny ao sair da cama e atravessar o dormitório, pois as pedras só são silenciosas enquanto permanecem imóveis; pedra que rola faz barulho. Mais apropriado seria dizer que elas se moveram "com um silêncio de mímicos", porque os mímicos executam seus números teatrais sem emitir nenhum som. A mim os mímicos causam certo tédio e constrangimento por causa dos gestos exagerados, mas a expressão "com um silêncio de mímicos" descreve melhor a maneira como Violet e Sunny se levantaram da cama, atravessaram o dormitório na ponta dos pés e saíram para a noite. Era uma noite de lua cheia, e as crianças detiveram-se um momento a olhar para o pátio. O luar tornava o chão de terra tão estranho e soturno como a superfície da própria Lua. Violet pegou Sunny no colo e as duas atravessaram o pátio em direção ao pesado portão de madeira da serraria. O único som era o dos passos suaves de Violet. As órfãs não se lembravam de ter estado antes num lugar tão quieto e parado, por isso,

quando ouviram um rangido súbito, pularam de susto. O rangido era discreto mas audível, e parecia vir de algum lugar bem diante delas. Violet e Sunny arregalaram os olhos na escuridão; com outro rangido o portão de madeira se abriu de par em par, revelando o vulto de uma pessoa baixa que caminhava lentamente em direção a elas.

"Klaus!", disse Sunny. Uma das poucas palavras que ela sabia falar num idioma inteligível era o nome do irmão. E, para seu alívio, Violet viu que de fato era Klaus quem vinha andando na direção das duas. Ele estava usando um par de óculos novos que era exatamente igual aos antigos, a não ser pelo fato de que eram tão novos que brilhavam ao luar. Ele sorriu para as irmãs de um modo pouco expressivo e distante, como se fossem pessoas que ele não conhecia tão bem.

"Klaus, estávamos tão preocupadas com você", disse Violet, abraçando o irmão quando ele as alcançou. "Você se ausentou por tanto tempo. O que foi que aconteceu?"

"Não sei", disse Klaus, falando tão baixinho que as irmãs precisaram curvar-se para a frente a fim de escutá-lo. "Não consigo me lembrar."

"Você viu o conde Olaf?", perguntou Violet. "Ele estava trabalhando no consultório? Eles fizeram alguma coisa com você?"

"Não sei", disse Klaus, balançando a cabeça. "Lembro de ter quebrado meus óculos e de Charles ter me levado para a casa com a forma de olho. Mas não me lembro de mais nada. Não lembro sequer onde estou neste momento."

"Klaus", disse Violet com firmeza, "você está na Serraria Alto-Astral, em Paltryville. Claro que você se lembra disso."

Klaus não respondeu. Limitou-se a encarar as irmãs com os olhos bem arregalados, como se estivesse diante de um aquário interessante ou de uma parada.

"Klaus?", insistiu Violet. "Eu disse: você está na Serraria Alto-Astral." Klaus continuou sem responder.

"Ele deve estar muito cansado", Violet disse para Sunny.

"Libu", disse Sunny sem muita certeza.

"Melhor você ir para a cama, Klaus", disse Violet. "Siga-me." Finalmente, Klaus falou. "Sim, senhor", disse ele em voz baixa.

"Senhor?", repetiu Violet. "Não sou nenhum senhor — sou sua irmã!" Entretanto Klaus voltou ao silêncio e Violet desistiu. Fez o caminho de volta para o dormitório com Sunny nos braços e Klaus arrastando os passos atrás dela. A lua fazia os óculos novos do irmão brilhar, e a cada passo ele levantava pequenas nuvens de poeira mas não abria a boca para dizer uma única palavra. Com um silêncio de mímicos, os Baudelaire voltaram ao

dormitório e, caminhando na ponta dos pés, dirigiram-se ao beliche. Diante da cama, Klaus permaneceu em pé, imóvel, e olhou para as duas irmãs como se tivesse esquecido o que deveria fazer.

"Deite-se, Klaus", disse Violet delicadamente.

"Sim, senhor", respondeu Klaus, e deitou-se na cama de baixo, sempre olhando fixo para as irmãs. Violet sentou-se à beira da cama e descalçou os sapatos de Klaus, que ele esquecera de tirar; mas parecia que ele nem sequer tinha notado o lapso.

"Amanhã a gente conversa", sussurrou Violet. "Por hoje, Klaus, veja se consegue dormir um pouco."

"Sim, senhor", disse Klaus, e imediatamente cerrou as pálpebras. Num segundo estava ferrado no sono. Violet e Sunny viram sua boca estremecer, como sempre acontecia quando ele dormia, desde bebezinho. Sem dúvida era um alívio ter Klaus de volta junto a elas, mas as irmãs Baudelaire não se sentiram aliviadas, nem um pouco. Nunca haviam visto seu irmão agir de modo tão estranho. A noite toda Violet e Sunny ficaram abraçadas uma na outra, na cama de cima, vendo o irmão dormir. Quanto mais prestavam atenção nele, mais se reforçava aquela sensação de que o irmão não voltara para elas.



CAPÍTULO SETE

Se algum dia vocês passaram por uma experiência lamentável, com certeza já ouviram que na manha do dia seguinte se sentiriam melhor. Isso, evidentemente, é um completo absurdo, porque uma experiência lamentável continua a ser uma experiência lamentável apesar da mais linda das manhas. Por exemplo, se no dia do aniversário o único presente que vocês recebessem fosse um creme para verrugas, alguém poderia dizer-lhes que tratassem de dormir bem aquela noite e esperassem pela manhã seguinte, mas de manhã o tubo do creme para verrugas continuaria pousado junto ao seu bolo de aniversário não comido, e vocês se sentiriam tão infelizes quanto antes. Meu motorista certa vez disse que eu me sentiria melhor na manhã seguinte, mas quando acordei continuávamos os dois numa ilhota rodeada por crocodilos antropófagos e vocês hão de compreender que não havia como eu me sentir melhor naquela situação. E com os órfãos Baudelaire não deu outra. Assim que o capataz Flacutono começou a bater suas panelas, Klaus abriu os olhos e perguntou que lugar era aquele, e Violet e Sunny não se sentiram melhor, podem crer.

"O que está acontecendo com você?", perguntou Violet. Klaus olhou para Violet, intrigado, como se fosse alguém que tivesse conhecido muitos anos antes mas cujo nome não conseguia lembrar. "Não sei", disse. "Estou com dificuldade para me lembrar das coisas. O que aconteceu ontem?"

"E o que queremos perguntar a você, Klaus", disse Violet, porém foi interrompida pelo chefe grosseirão deles.

"Levantem-se, seus anões preguiçosos!", gritou o capataz Flacutono avançando para o beliche dos Baudelaire e retomando as batidas com as panelas. "A Serraria Alto-Astral não tem tempo a perder. Ninguém pode fazer cera para não trabalhar!

Levantem-se da cama já, direto para o trabalho!"

Klaus arregalou os olhos e sentou-se na cama. Um segundo depois estava andando em direção à porta do dormitório, sem dizer uma só palavra para suas irmãs.

"E isso aí!", disse o capataz Flacutono, dando mais algumas pancadas nas panelas. "Vamos, todo mundo! Todos para a serraria!" Depois de entreolhar-se rapidamente, Violet e Sunny apressaram-se em acompanhar seu irmão e os outros operários, contudo foi só dar o primeiro passo e algo fez com que Violet parasse. No chão, junto ao beliche dos Baudelaire, tinham ficado os sapatos de Klaus que ela descalçara na véspera. Klaus nem sequer se lembrara de calçá-los antes de sair.

"Os sapatos!", disse Violet, apanhando-os. "Klaus, você esqueceu seus sapatos!" Ela correu para alcançá-lo, no entanto Klaus nem olhou para trás. Quando Violet chegou à porta, seu irmão já atravessava o pátio, descalço.

"Grummle?", Sunny chamou-o, mas ele não respondeu.

"Vamos indo, crianças", disse Phil. "Mais depressa para a serraria."

"Phil, tem alguma coisa errada com meu irmão", disse Violet, vendo Klaus abrir a porta da serraria e entrar na frente dos outros empregados. "Ele mal abre a boca para falar qualquer coisa conosco, não parece se lembrar de nada e, veja só!, nem calçou os sapatos esta manhã!"

"Bem, vejam a coisa pelo melhor ângulo", disse Phil. "Hoje está previsto que terminemos a operação de amarrar as toras; passaremos ao lance de imprensar. Imprensar é a etapa mais fácil de uma serraria."

"Pouco me importam os trabalhos de serraria!", gritou Violet. "Está havendo alguma coisa com Klaus!"

"Vamos evitar criar caso, Violet", disse Phil, e seguiu em frente para a serraria. Violet e Sunny entreolharam-se com a sensação de não poder fazer nada. Não lhes restava outra escolha senão atravessar o pátio, seguir Phil e entrar na serraria. lá dentro, a máquina que desenrolava a corda já funcionava a pleno vapor, e as pessoas começavam a amarrar os poucos feixes de tábuas que ainda restavam. Violet e Sunny apressaram-se em conseguir um lugar ao lado de Klaus, e durante algumas horas, enquanto apertavam os nós, tentaram conversar com o irmão. Mas era difícil falar com ele; tinham que gritar mais alto do que a barulheira da máquina de desenrolar corda e as pancadas das panelas do capataz Flacutono. Klaus não lhes deu nenhuma resposta. Finalmente, a última pilha de tábuas foi amarrada num feixe, Phil desligou a máquina e todos receberam seu chiclete. Violet e Sunny seguraram Klaus, cada uma por um braço, e arrastaram o irmão descalço até um canto da serraria para ter uma conversa com ele.

"Klaus, Klaus, por favor, fale comigo", gritou Violet. "Você está nos dando medo. Você tem que nos dizer o que foi que fizeram com você; queremos ajudar." Klaus simplesmente encarava a irmã com olhos

arregalados.

"Eshan!", gritou Sunny.

Klaus não disse uma palavra. Nem sequer pôs o seu chiclete na boca. Violet e Sunny sentaram-se ao lado do irmão, confusas e assustadas, e passaram os braços à sua volta como se temessem que ele saísse flutuando no espaço. Ficaram os três sentados assim, aquela penca de Baudelaire, até o capataz Flacutono voltar ao seu bater de panelas para anunciar o fim do descanso.

"Está na hora de imprensar!", disse o capataz Flacutono, afastando dos olhos sua peruca cacheada. "Todo mundo em fila para imprensar. E você aí", disse apontando para Klaus. "Você, seu anão sortudo, é quem vai operar a máquina. Venha até aqui para eu dar instruções."

"Sim, senhor", disse Klaus em voz baixa, deixando as irmãs boquiabertas de surpresa. Era a primeira vez que ele falava desde que saíram do dormitório. Sem dizer mais nada, levantou-se, soltou-se de suas irmãs e foi andando até o capataz Flacutono enquanto as irmãs o olhavam estupefatas.

Violet virou-se para sua irmã bebê e tirou um fiapo de corda que ficara preso no cabelo de Sunny, algo que a mãe delas costumava fazer o tempo todo. A Baudelaire mais velha lembrou-se, como já se lembrara tantas e tantas vezes, da promessa que havia feito a seus pais quando Sunny nasceu. "Você é a mais velha de seus irmãos", disseram-lhe os pais. "E, como filha mais velha, terá sempre a responsabilidade de olhar por seus irmãos. Prometa-nos que estará sempre vigilante cuidando deles, e atenta para que não venham a passar por qualquer tipo de apuro." Violet sabia, é claro, que quando lhe disseram isso seus pais nunca teriam sequer imaginado que viveriam apuros tão horrendos como aqueles, mas, mesmo assim, sentia-se como se os houvesse decepcionado. Klaus estava evidentemente em apuros, e Violet não conseguia afastar o sentimento de que era sua responsabilidade livrá-lo da enrascada. O capataz Flacutono sussurrou algo para Klaus, que andou devagar até a máquina coberta com chaminés e começou a manejar os controles. O capataz Flacutono fez um gesto de assentimento com a cabeça e tornou a bater as panelas uma contra a outra. "Vamos lá! Comecem a imprensar!", disse com sua voz sinistramente abafada. Os Baudelaire não tinham a menor idéia do que o capataz Flacutono queria dizer com "imprensar"; acharam que talvez devessem ficar pulando sobre as tábuas, com a finalidade de esmagar uvas para fazer vinho. Porém o que se viu parecia mais com carimbar livros de uma biblioteca pública. Os operários levantavam um feixe de tábuas e o apoiavam numa esteira, em seguida a máquina descia sobre as tábuas sua imensa pedra achatada com um estrondoso pá!, marcando nas madeiras os dizeres "Serraria Alto-Astral" em vermelho. Então todos tinham que soprar na marca deixada pelo "carimbo" para que a tinta secasse depressa. Violet e Sunny ficaram pensando se as pessoas que viriam a construir suas residências com aquelas tábuas gostariam

de ter o nome da serraria por todas as paredes. E o mais estranho: como Klaus sabia operar a máquina de imprensar e por que o capataz Flacutono escolhera seu irmão e não Phil ou um dos outros funcionários?

"Estão vendo?", disse Phil às irmãs Baudelaire, dirigindo-lhes a palavra por sobre uma pilha de tábuas. "Não há nada de errado com Klaus. Está fazendo a máquina funcionar perfeitamente. Todo esse tempo vocês se preocuparam à toa." Pá!

"Pode ser", disse Violet sem muita convicção, soprando no primeiro "r" de "Serraria".

"Eu não disse que a operação de imprensar era a parte mais fácil dos trabalhos da serraria?", perguntou Phil. Pá! "Os lábios ficam um pouco feridos de tanto soprar, mas é só."

"Uiro", disse Sunny, o que significava: "É verdade, mas mesmo assim estou preocupada com Klaus", ou algo do gênero.

"É isso aí! Pensamento positivo!", disse Phil, entendendo mal o que ela dissera.

"Não falei que se vocês procurarem sempre ver as coisas pelo melhor ângulo...?" Pá... pum... aiii!

Phil caiu por terra no meio da frase, com o rosto pálido e suando frio. Aquele fora o som mais terrível de todos os ruídos já ouvidos na Serraria Alto-Astral. O estrondoso pá! fora interrompido por um solavanco violento a que se seguira um grito lancinante. A máquina de imprensar saíra dos eixos, e a imensa pedra achatada não baixara sobre onde deveria, o feixe de tábuas. A maior parte da pedra fora de encontro à máquina de desenrolar corda, àquela altura irremediavelmente destroçada. Mas uma parte da pedra batera na perna de Phil.

O capataz Flacutono jogou as panelas ao chão e correu para junto dos controles da máquina de imprensar, empurrando o atônito Klaus para o lado. Com um piparote no interruptor ele fez a pedra se erguer, e todos se juntaram para ver o estrago. A parte da máquina de desenrolar a corda que tinha a forma de uma gaiola partira-se em dois como uma casca de ovo, e a corda se emaranhara toda. E eu simplesmente não consigo descrever a imagem grotesca e desalentadora — e aqui as palavras "grotesca" e "desalentadora" valem por "torcida", "esmigalhada", "manchada", "ensangüentada" — da perna do coitado do Phil. Só de olhá-la, Violet e Sunny ficaram com o estômago revirado, mas Phil olhou para cima e esboçou-lhes um leve sorriso:

"Bem", disse, "não foi de todo mau. Minha perna esquerda está quebrada, mas pelo menos me sobrou a direita. Tive sorte."

"Poxa vida!", murmurou um dos empregados. "Pensei que ele fosse gritar: 'Aiiii!

Minha perna! Minha perna!’.”

“Se alguém puder me ajudar a ficar em pé”, disse Phil, “acho que tenho condições de voltar ao trabalho.”

“Não seja ridículo”, disse Violet. “Você tem que ir para um hospital.”

“E, sim”, disse outro funcionário. “Temos aqueles tíquetes do mês passado que dão direito a um descontão em qualquer engessamento no Hospital Memorial Ahab. Se somarmos nossos descontos, conseguiremos que endireitem sua perna. Vou chamar uma ambulância agora mesmo.”

Phil sorriu. “E muita gentileza sua”, disse.

“Isto é um desastre!”, berrou o capataz Flacutono. “E o pior acidente que já aconteceu na história da serrana!”

“Não, não”, disse Phil. “Está tudo bem. Nunca liguei muito para a minha perna esquerda.”

“Não é de sua perna que estou falando, seu anão taludo”, disse o capataz Flacutono com impaciência. “Estou falando da máquina de desenrolar corda! O preço dela é exorbitante!”

“O que significa ‘exorbitante’?”, alguém perguntou.

“Significa muitas coisas”, disse Klaus de repente, piscando. “Pode significar ‘que sai dos limites’, ou ‘extravagante’, ‘excêntrico’. Falando de dinheiro, provavelmente significa ‘excessivo’. O capataz Flacutono está dizendo que a máquina que desenrola corda custa um bocado de dinheiro.”

As duas irmãs Baudelaire se entreolharam e quase deram uma gargalhada de alívio. “Klaus!”, gritou Violet. “Você está definindo coisas!” Klaus olhou para as irmãs e sorriu-lhes sonolento. “É, acho que sim”, disse.

“Nodjimu!”, gritou Sunny, querendo dizer: “Você parece estar normal de novo!”. E ela tinha razão. Klaus tornou a piscar e em seguida olhou para o estrago que causara.

“Que foi que aconteceu aqui?”, perguntou, franzindo a testa. “Phil, o que aconteceu com sua perna?”

“Tudo em ordem”, disse Phil, contraindo-se de dor ao tentar se mexer. “É um machucado à-toa.”

“Então você não se lembra do que aconteceu?”, perguntou Violet.

“O que aconteceu quando?”, perguntou Klaus, franzindo a testa. “Ora, vejam: estou sem sapatos!”

“Bem, eu estou muito bem lembrado do que aconteceu!”, gritou o capataz Flacutono, apontando para Klaus. “Você arrebentou nossa máquina!

Vou contar para Senhor agora mesmo! Você fez o processo de imprensar parar completamente. Ninguém vai ganhar nenhum tíquete hoje!”

“Não é justo”, disse Violet. “Foi um acidentei E Klaus nunca deveria ter sido indicado para operar essa máquina! Ele não sabia como funcionava!”

“Bem, é melhor que aprenda!”, disse o capataz Flacutono. “Agora vamos, apanhe as minhas panelas, Klaus!”

Klaus avançou para apanhar as panelas, mas o capataz Flacutono estendeu a perna e com seu pé obstruiu o caminho; era a mesma brincadeira do dia anterior, e lamento dizer que o resultado se repetiu. Klaus tornou a cair no chão da serraria e, mais uma vez, seus óculos se soltaram do rosto e rolaram por cima do feixe de tábuas, ficando mais uma vez desconjuntados, rachados e irremediavelmente quebrados, como a tal escultura de minha amiga Tatiana.

“Meus óculos!”, gritou Klaus. “Meus óculos se quebraram de novo!” Violet teve uma sensação estranha no estômago; algo palpitante e escorregadio, como se na pausa para o almoço tivesse comido cobras e não chiclete. “Tem certeza?”, ela perguntou a Klaus. “Tem certeza de que não dá para usá-los?”

“Tenho certeza”, disse Klaus na maior desolação, levantando os óculos para que Violet os visse.

“Ora, ora, ora”, disse o capataz Flacutono. “Que falta de cuidado, hein? Vai ter que fazer uma nova consulta.”

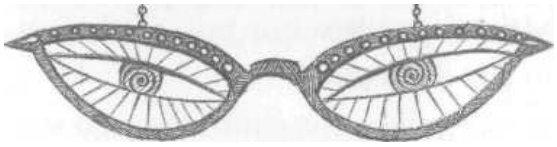
“Não queremos incomodar ninguém”, apressou-se em dizer Violet. “Se o senhor me der alguns materiais básicos, garanto que posso criar, eu mesma, um novo par de óculos.”

“Não, não”, disse o capataz, fazendo sua máscara cirúrgica franzir. “É melhor deixar a optometria por conta dos especialistas. Despeça-se de seu irmão.”

“Não!”, exclamou Violet em desespero. Ela voltou a pensar na promessa feita a seus pais. “Nós o levaremos! Sunny e eu o levaremos ao consultório.”

“Derix!”, gritou Sunny, o que claramente significava: “Se não podemos impedir que ele vá, pelo menos iremos com ele!”.

“Tudo bem”, disse o capataz Flacutono, e seus olhos pequenos e redondos ficaram ainda mais escuros do que de costume. “Esta é uma boa idéia: os três vão fazer uma consulta!”



CAPÍTULO OITO

Os órfãos Baudelaire cruzaram o portão da Serraria Alto-Astral e olharam para a ambulância que passou por eles na maior velocidade levando Phil para o hospital. Olharam para as letras de chiclete mascado que compunham a placa da serraria. E baixaram os olhos para o calçamento rachado da rua de Paltryville. Em suma, olharam para toda parte, menos para a casa em forma de olho.

"Não precisamos ir", disse Violet. "Poderíamos fugir. Poderíamos nos esconder até a chegada do próximo trem, e seguir nele o mais longe possível. Agora sabemos como trabalhar numa serraria, poderíamos arranjar serviço em alguma outra cidade."

"Mas e se ele nos descobrisse?", disse Klaus, fixando na irmã seus olhos semicerrados. "Quem nos protegeria do conde Olaf, se estivéssemos sozinhos?"

"Poderíamos nos proteger sozinhos", respondeu Violet.

"Como podemos nos proteger", perguntou Klaus, "se um de nós é um bebê e outro mal consegue ver?"

"Nós já nos protegemos antes", disse Violet.

"Sempre por um triz, mal e porcamente", respondeu Klaus. "Toda vez foi por um triz que escapamos do conde Olaf. Não dá para fugirmos e tentarmos nos virar sozinhos; estou sem meus óculos. Temos de torcer para que dê certo." Sunny deixou escapar um gritinho estridente de medo. Violet, é claro, já tinha idade bastante para não gritar estridentemente a não ser em situações de emergência, mas ainda não tinha tanta idade assim para não se sentir amedrontada. "Não sabemos o vai acontecer conosco lá dentro", disse ela, olhando para a porta preta na pupila do olho.

"Pense, Klaus. Tente pensar. O que foi que aconteceu quando você entrou lá?"

"Não sei", disse Klaus na maior tristeza. "Lembro de ter tentado falar com Charles para não me levar ao oftalmologista, mas ele ficava repetindo que os médicos eram meus amigos, e que eu não deveria ter medo."

"Ah!", gritou estridentemente Sunny, o que significava: "Ah!".

"E depois, do que você se lembra?", perguntou Violet. Klaus fechou os olhos para concentrar-se. "Gostaria de conseguir dizer. Porém é como se uma

parte do meu cérebro tivesse sido apagada sem deixar vestígios. E como se eu tivesse adormecido desde o momento em que entrei naquela casa até já estar na serraria."

"Mas você não estava dormindo", disse Violet. "Estava andando de um lado para o outro como se fosse um zumbi. Até causar aquele acidente que machucou o coitado do Phil."

"Mas não me lembro dessas coisas", disse Klaus. "E como se..." Sua voz deixou a frase em suspenso, e por um momento ele ficou olhando perdidamente para o vazio.

"Sim, Klaus?", perguntou Violet, preocupada.

" ... como se eu estivesse hipnotizado", Klaus concluiu. Olhou para Violet, depois para Sunny, e suas irmãs perceberam que ele estava descobrindo algo. "Claro. A hipnose explicaria tudo."

"Eu pensei que hipnose só existisse em filmes de terror", disse Violet.

"Nada disso", respondeu Klaus. "Estive lendo a Enciclopédia de hipnose no ano passado. Li a descrição de todos os casos famosos de hipnose ao longo da história. Houve um rei do Egito antigo que foi hipnotizado. Bastava o hipnotizador gritar 'Ramsés!' e o rei na mesma hora começava a cacarejar e imitar uma galinha, apesar de estar diante da corte real."

"É interessante, não resta dúvida", disse Violet, mas...

"Um comerciante chinês que viveu durante a dinastia Ling foi hipnotizado. Bastava o hipnotizador gritar 'Mao!' e o comerciante começava a tocar violino, apesar de nunca ter visto o instrumento antes."

"São histórias curiosas", disse Violet, "mas..."

"Um homem que viveu na Inglaterra na década de 20 foi hipnotizado. Bastou o hipnotizador gritar 'Bloomsbury!' e ele na mesma hora se tornou um brilhante escritor, apesar de mal saber ler."

"Mazê!", gritou estridentemente Sunny, talvez com o sentido de: "Não temos tempo para ouvir todas essas histórias, Klaus!".

Klaus abriu um sorriso. "Desculpem", disse, "era um livro muito interessante, e que vem tão a propósito."

"Bem, e o que o livro dizia sobre como tirar a pessoa da hipnose?", perguntou Violet.

O sorriso de Klaus se apagou. "Nada", disse ele.

"Nada?", repetiu Violet. "Uma enciclopédia inteira sobre hipnose não dizia nada sobre isso?"

"Se dizia, deve ter sido em alguma parte que não li. Achei mais interessantes as partes sobre casos famosos. Essas eu li, mas pulei algumas

das partes chatas.” Pela primeira vez depois de terem deixado para trás o portão da serraria, os órfãos Baudelaire olharam para a casa em forma de olho; tinham a impressão de que a casa lhes retribuía o olhar. Para Klaus, naturalmente, a mensagem que o consultório poderia transmitir não passava de um grande borrão, contudo para suas irmãs aquela imagem criava a expectativa de novos problemas. A porta redonda, pintada de preto para parecer a pupila do olho, parecia ser um buraco sem fim; as crianças tinham a impressão de que iam cair nele.

“Nunca mais tornarei a pular as partes chatas de um livro”, lamentou Klaus, e foi andando de modo cauteloso em direção à casa.

“Imagino que você não esteja pretendendo entrar!?”, disse Violet incredulamente, palavra que aqui significa “num tom de voz que indicava que Klaus estava agindo como um tolo”.

“O que mais podemos fazer?”, disse Klaus, resignado. E começou a tatear as paredes da casa para localizar a porta. A esta altura da história dos órfãos Baudelaire, gostaria de fazer uma breve interrupção para responder a uma pergunta que vocês com toda a certeza devem estar se fazendo. É uma pergunta importante, que muitas e muitas pessoas já fizeram muitas e muitas vezes em muitos lugares do mundo. Os órfãos Baudelaire fizeram a pergunta, é claro. O sr. Poe fez a pergunta. Eu fiz a pergunta. Minha amada Beatrice, antes de sua morte prematura, fez a pergunta, só que tarde demais. A pergunta é: Onde está o conde Olaf?

Se vocês vêm seguindo a história desses três órfãos desde o comecinho, sabem que o conde Olaf está sempre à espreita dessas pobres crianças, com planos e estratagemas para apossar-se da fortuna dos Baudelaire pais. Em geral, passados alguns dias da chegada a um novo lar, o conde Olaf e seus nefandos ajudantes — aqui a palavra “nefandos” significa “que detestam os Baudelaire” — aparecem por perto, dissimulados, tramando perversidades. E, no entanto, até aqui não houve sinal dele em parte alguma. De modo que, enquanto os três órfãos se dirigem relutantemente para o consultório, sei que vocês devem estar se perguntando por onde andará esse desprezível vilão. A resposta é: Muito perto.

Violet e Sunny caminharam até a casa em forma de olho e ajudaram o irmão a subir os degraus em frente à porta, mas, antes que chegassem a abri-la, a pupila preta escancarou-se revelando uma pessoa com um longo jaleco branco com um crachá de identificação preso à lapela: “Dra. Orwell”.

Doutora!

A dra. Orwell era uma mulher alta de cabelos louros presos atrás num coque bem justo. Calçava grandes botas negras e segurava uma longa bengala negra com um castão de rubi rutilante.

“Olá, Klaus”, disse a dra. Orwell, com um cumprimento formal de cabeça

para os Baudelaire. “Não esperava tê-lo de volta tão cedo. Não me diga que quebrou seus óculos de novo.”

“Infelizmente, sim”, disse Klaus.

“Lamento”, disse a dra. Orwell. “Mas até que você está com sorte. Temos poucas consultas marcadas para hoje, por isso você pode entrar já; farei os exames necessários.” Os órfãos Baudelaire se entreolharam, nervosos.

Não era nada do que estavam esperando. Imaginaram a dra. Orwell como uma figura bem mais sinistra — um conde Olaf disfarçado de dr. Orwell, por exemplo, ou um de seus terríveis asseclas. Esperavam ser capturados para dentro da casa em forma de olho e talvez nunca mais voltar. Em vez disso, a dra. Orwell parecia realmente profissional, e os convidava gentilmente a entrar.

“Entrem”, disse ela, mostrando o caminho com sua bengala negra. “Shirley, minha recepcionista, preparou alguns biscoitinhos que vocês, meninas, podem comer na sala de espera enquanto faço os óculos de Klaus. Não vai demorar tanto quanto ontem.”

“Klaus vai ser hipnotizado?”, perguntou Violet.

“Hipnotizado?”, repetiu a dra. Orwell, sorrindo. “Ora, hipnose só acontece em filmes de terror.”

As crianças, é claro, sabiam que isso não era verdade, mas imaginaram que, se a dra. Orwell achava que era verdade, era mais provável que não fosse uma hipnotizadora. Adentraram com cuidado na casa em forma de olho e seguiram a dra. Orwell por um corredor todo decorado com diplomas médicos.

“Por aqui, por favor”, disse ela. “Klaus me contou que gosta muito de ler. Vocês também são grandes leitoras?”

“Ah, sim”, disse Violet. Ela estava começando a relaxar. “Sempre que surge uma ocasião, aproveitamos para ler.”

“Em suas leituras vocês já encontraram alguma vez”, disse a dra. Orwell, “a expressão: ‘Não é com vinagre que se apanham as moscas, as moscas se apanham com mel’?”

“Tuzmo”, respondeu Sunny, o que significava: “Não acredito nisso”, ou algo do gênero.

“Não li muitos livros sobre moscas”, admitiu Violet.

“Bem, na verdade, a expressão não tem nada a ver com moscas”, explicou a dra. Orwell. “É uma forma elegante de dizer que é mais provável a pessoa conseguir o que quer agindo com doçura, como a do mel, do que com acidez, como a do vinagre.”

“É interessante”, disse Klaus, pensando que razões a dra. Orwell teria

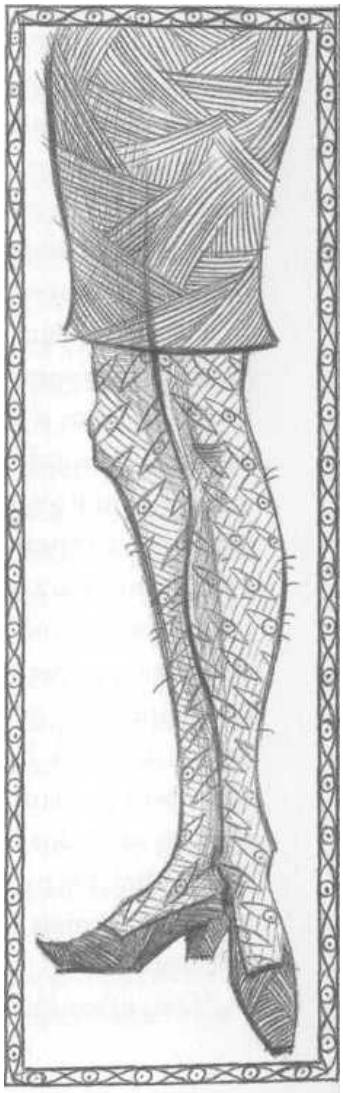
para trazer à conversa aquele provérbio.

"Imagino que vocês estejam pensando por que foi que puxei esse assunto", disse a dra. Orwell, parando em frente a uma porta com a inscrição: "Sala de Espera". "Mas acho que ficará claro para vocês em poucos instantes. Klaus, por favor, venha comigo para o consultório, e vocês, meninas, passem à sala de espera do outro lado desta porta." As crianças hesitaram.

"Serão só alguns minutinhos", disse a dra. Orwell, e acariciou a cabeça de Sunny.

"Está bom", disse Violet, e fez um aceno para o irmão quando ele seguiu a oftalmologista até o fundo do corredor. Violet e Sunny empurraram a porta e entraram na sala de espera, verificando logo que a dra. Orwell falara a verdade. Na mesma hora tudo passou a fazer sentido. A sala de espera era pequena, e era parecida com a maioria das salas de espera. Tinha um sofá, umas poucas cadeiras, umas revistas antigas amontoadas sobre uma mesa, e uma recepcionista sentada diante de uma escrivaninha, exatamente como nas salas de espera em que vocês ou eu já estivemos. Mas quando Violet e Sunny olharam para a recepcionista, viram algo que eu espero que vocês jamais tenham visto numa sala de espera. Numa placa sobre a escrivaninha estava escrito

"Shirley", porém não havia nenhuma Shirley ali, apesar de a recepcionista estar usando um vestido marrom-claro e sapatos bege confortáveis para trabalhar. Porque, acima do batom claro e abaixo da peruca loura, havia um par de olhos muito, mas muito brilhantes que as duas meninas reconheceram de imediato. A dra. Orwell, ao comportar-se com tanta delicadeza e finura, tinha sido o mel, em lugar do vinagre. As crianças, infelizmente, eram as moscas. E o conde Olaf, sentado na escrivaninha da recepcionista com um sorriso malvado, conseguira enfim apanhá-las.



CAPÍTULO NOVE

Quando as crianças estão com problemas, é comum vocês ouvirem as pessoas dizer que é tudo por causa de baixa auto-estima. “Baixa auto-estima” é uma expressão usada para descrever pessoas que não valorizam a si próprias. Podem se achar feias, ou chatas, ou incapazes de fazer qualquer coisa, ou ainda uma combinação de tudo isso; e, quer tenham ou não razão, dá para entender por que esses sentimentos podem acabar levando-as a “entrar numa fria”. Na grande maioria dos casos, entretanto, “entrar numa fria” não tem nada a ver com a auto-estima de uma pessoa. Em geral, tem muito mais a ver com quem ou o que está diretamente provocando o problema — um monstro, um motorista de ônibus, uma casca de banana, abelhas assassinas, o diretor do colégio — do que com a imagem que a pessoa tem de si própria.

E foi o que aconteceu quando Violet e Sunny Baudelaire puseram os olhos no conde Olaf — ou, de acordo com o que estava escrito na placa em cima da escrivaninha, Shirley. Violet e Sunny tinham um nível muito saudável de auto-estima. Violet sabia que era capaz de fazer as coisas corretamente, porque inventara uma porção de aparelhos que funcionavam de modo perfeito. Sunny sabia que não era chata, porque seus irmãos sempre mostravam o maior interesse por tudo o que ela tinha a dizer. E ambas as irmãs Baudelaire sabiam que não eram feias, pois podiam ver seus traços faciais refletidos bem no meio dos olhos muito, muito brilhantes do conde Olaf. De nada adiantava, entretanto, elas pensarem essas coisas, porque a verdade era que tinham sido apanhados.

"Olá, garotinhas", disse o conde Olaf com uma voz ridícula de falsete, como se fosse uma recepcionista chamada Shirley e não o perverso caçador da fortuna dos Baudelaire. "Qual é o nome de vocês?"

"Você sabe os nossos nomes", disse Violet de modo seco, e aqui seco é usado com o sentido de "farta dos recursos absurdos empregados pelo conde Olaf". "Essa peruca e esse batom não nos enganam, nem o seu vestido marrom-claro nem os seus sapatos bege. Você é o conde Olaf."

"Lamento, mas estão enganadas", disse o conde Olaf. "Sou Shirley. Vejam o que está escrito nesta placa.

"Fiti!", gritou Sunny estridentemente, o que significava: "Essa placa não prova nada, ora essa!".

"Sunny tem razão", disse Violet. "Só por causa de um pedaço de madeira com um nome não quer dizer que você seja Shirley."

"Eu lhe digo por que sou Shirley", disse o conde Olaf. "Sou Shirley porque gostaria que me chamassem de Shirley, e não fazer isso é uma prova de falta de educação."

"Estou pouco ligando", disse Violet, "se estamos sendo mal-educadas com uma pessoa tão abominável como você."

O conde Olaf balançou a cabeça. "Mas se vocês vierem com falta de educação pra cima de mim", disse ele, "eu também poderia responder a vocês com algum ato grosseiro, como, por exemplo, arrancar o cabelo de vocês com estas mãos aqui, ó." Violet e Sunny ficaram olhando para as mãos do conde Olaf. E notaram então que ele deixara as unhas crescerem bastante, e que como parte do disfarce pintara-as com um esmalte rosa brilhante. As irmãs Baudelaire se entreolharam. Aquelas unhas pareciam, de fato, muito afiadas.

"Tudo bem, Shirley", disse Violet. "Você esteve espreitando a gente o tempo todo, em Paltryville, desde que chegamos, não foi?"

Shirley ergueu uma das mãos para ajeitar a peruca que saíra do lugar. "Talvez", disse ela, sempre com aquela voz boba de falsete.

“E o tempo todo esteve escondida aqui na casa em forma de olho, não foi ?”, perguntou Violet.

Shirley ficou pestanejando sem parar, e as duas irmãs notaram que abaixo de sua longa sobrancelha única — outro traço identificador do conde Olaf — ela usava longos cílios postiços. “Talvez”, disse ela.

“E você está mancomunada com a dra. Orwell!”, disse Violet usando uma expressão que aqui significa “trabalhando de comum acordo, para apossar-se da fortuna dos Baudelaire”. “Sim ou não?”

“Pode ser”, disse Shirley, cruzando as pernas e revelando longas meias brancas estampadas com olhinhos.

“Popinsh!”, gritou Sunny estridentemente.

“Sunny está tentando dizer”, disse Violet, “que a dra. Orwell hipnotizou Klaus e causou aquele terrível acidente, pode ser?”

“É viável”, disse Shirley.

“E ele está sendo hipnotizado de novo, neste exato momento, não é isso?”, perguntou Violet.

“É uma hipótese um tanto quanto provável”, disse Shirley. Violet e Sunny se entreolharam, com o coração pulando. Violet segurou a mão da irmã e deu um passo para trás, em direção à porta. “E agora você vai tentar dar um sumiço na gente, estou certa?”

“Claro que não”, disse Shirley. “Vou oferecer a vocês um biscoitinho, como uma boa recepcionista. “

“Você não é uma recepcionista!”, gritou Violet.

“Claro que sou”, disse Shirley. “Sou uma pobre recepcionista que vive sozinha e que deseja muito ter filhos para cuidar. Três filhos, na verdade: uma garotinha sabichona, um garotinho hipnotizado e um bebê dentuço.”

“É, mas você não pode cuidar da gente”, disse Violet. “Já estamos sob a guarda de Senhor.”

“Sim, porém muito em breve ele passará a guarda para mim”, disse Shirley, com os olhos brilhando intensamente.

“Isso é um ab...”, disse Violet, entretanto deteve-se antes de pronunciar “...surdo”. Ela quis completar o que estava dizendo com “...surdo”. Ela quis dizer “Senhor não faria uma coisa dessas”, mas no íntimo tinha suas dúvidas. Senhor já fizera os três Baudelaire dormir num único beliche. Já os fizera trabalhar numa serraria. E já lhes servira chiclete como almoço. E, por mais que ela quisesse achar que era um absurdo pensar que Senhor simplesmente passaria os órfãos Baudelaire para Shirley, Violet tinha suas dúvidas. Metade dela tinha dúvidas, e assim deteve-se na primeira sílaba da palavra.

“Ab?”, disse uma voz por trás dela. “Mas o que significa essa palavra

‘ab’?” Violet e Sunny viraram-se e deram com a dra. Orwell vindo com Klaus para a sala de espera. Ele usava um novo par de óculos e parecia confuso.

“Klaus!”, gritou Violet. “Estávamos ficando preo...” Ela interrompeu-se e não chegou a pronunciar “...cupadas” quando viu a expressão do irmão. Era a mesma expressão que ele tinha na noite anterior, quando finalmente voltou de sua primeira consulta com a dra. Orwell. Por trás do seu mais novo par de óculos, os olhos de Klaus estavam arregalados e ele sorria com um ar distante e atônito, como se suas irmãs fossem pessoas que ele não conhecesse tão bem.

“Lá vem você com essas palavras estranhas”, disse a dra. Orwell. “Primeiro, ‘ab’. Agora, ‘preo’. ‘Preo’ quer dizer o quê, pelo amor de Deus?!”

“É claro que ‘ab’ e ‘preo’ não são palavras”, disse Shirley. “Só uma pessoa idiota diria palavras como ab ou preo.”

“Elas são idiotas, não são?”, concordou a dra. Orwell, como se eles estivessem comentando sobre o tempo, e não insultando crianças pequenas. “Elas devem ter uma auto-estima muito baixa.”

“Concordo inteiramente, dra. Orwell”, disse Shirley.

“Pode me chamar de Georgina”, respondeu a horrível oftalmologista, com um piscar de olho. “Bem, garotas, aqui está o seu irmão. Hoje um pouco cansado por causa da consulta, mas amanhã de manhã estará ótimo. Mais do que ótimo, na verdade. Muito mais.” Ela virou-se e apontou para a porta com sua bengala com castão de rubi. “Acho que vocês três conhecem o caminho da saída.”

“Eu não”, disse Klaus com uma voz que quase não dava para ouvir. “Não me lembro de ter entrado aqui.”

“Isso é comum acontecer depois de consultas de oftalmologia”, disse a dra. Orwell polidamente. “Vamos logo, órfãos.”

Violet deu a mão para Klaus e começou a levá-lo para fora da sala de espera.

“Podemos mesmo ir, sem problema?”, perguntou ela, em dúvida por um momento.

“Claro”, disse a dra. Orwell. “Mas estou certa de que minha recepcionista e eu não tardaremos a vê-los. Afinal de contas, parece que Klaus se tornou muito desastrado ultimamente. Está sempre provocando acidentes.

“Rupish!”, gritou Sunny estridentemente. Com a intenção de dizer: “Não foram acidentes! Foram resultados da hipnose!”. Entretanto, os adultos não lhe deram atenção. A dra. Orwell simplesmente afastou-se da porta para abrir passagem, e Shirley fez um aceno para os garotos, tamborilando o ar com seus dedos ossudos de unhas cor-de-rosa.

“Até mais, órfãos!”, disse Shirley. Klaus olhou para ela e retribuiu o aceno enquanto Violet e Sunny davam-lhe um puxão para fora da sala de espera.

“Como foi capaz de acenar para ela?”, Violet sussurrou, ríspida, para seu irmão, no corredor de saída.

“Ela parece uma senhora simpática”, disse Klaus, e franziu a testa num esforço de concentração. “Sei que já a encontrei em algum lugar antes.”

“Baliuot!”, gritou Sunny estridentemente, o que sem sombra de dúvida significava: “Ela é o conde Olaf disfarçado!”.

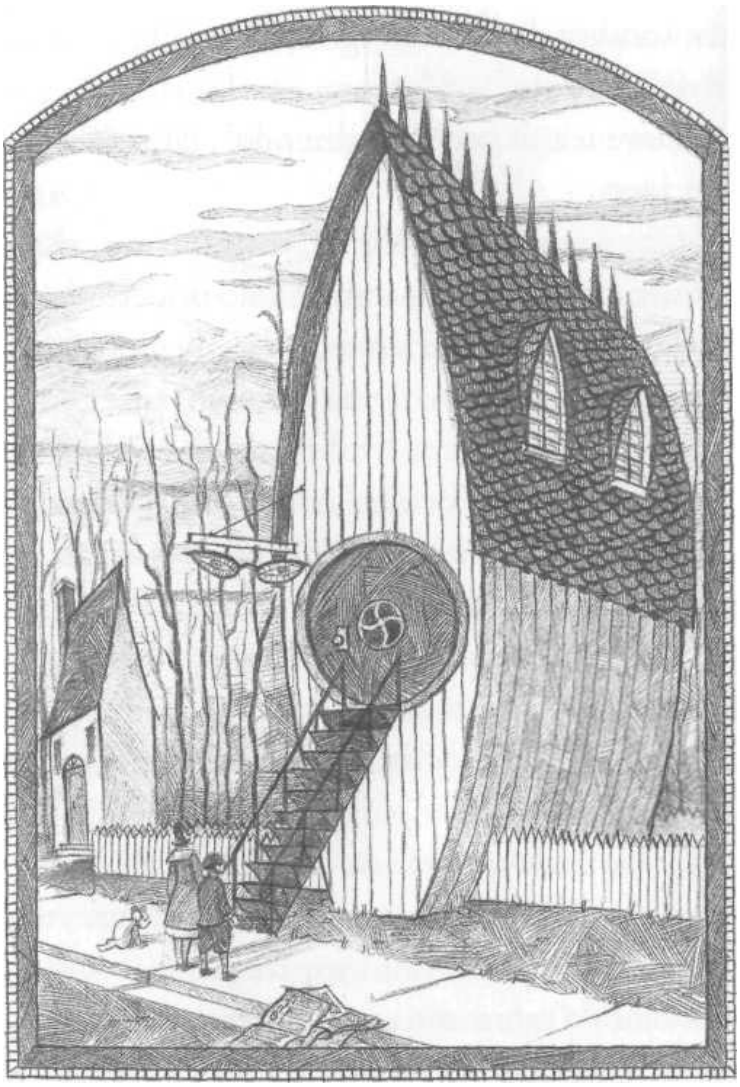
“Deve ser, se você está dizendo”, falou Klaus em tom vago.

“Oh, Klaus”, disse Violet, com imensa tristeza. “Sunny e eu perdemos um tempão discutindo com Shirley quando deveríamos tê-lo salvado. Você foi hipnotizado de novo; tenho certeza. Tente concentrar-se, Klaus. Tente se lembrar do que aconteceu.”

“Quebrei meus óculos”, disse Klaus bem devagar, “depois saímos da serraria... Estou muito cansado, Verônica. Posso ir para a cama?”

“Violet”, disse Violet. “Meu nome é Violet, e não Verônica.”

“Desculpe”, disse Klaus. “É que estou muito cansado.” Violet abriu a porta da casa, e os três órfãos se viram do lado de fora, pisando a deprimente rua de Paltryville. Violet e Sunny estacaram; veio-lhes à lembrança o momento em que viram a casa em forma de olho pela primeira vez, logo depois de descerem do trem. Seus instintos lhe haviam dito que a casa era um mau presságio, mas não deram ouvidos aos seus instintos. Deram ouvidos ao sr. Poe.



“Melhor levarmos Klaus para o dormitório”, Violet disse para Sunny. “Não sei que outra coisa podemos fazer com ele nesse estado. Depois deveríamos contar a Senhor o que aconteceu. Espero que possa ajudar-nos.”

“Zizim”, concordou Sunny melancolicamente. As irmãs levaram Klaus até os portões de madeira da serraria, cruzaram o pátio de terra e chegaram ao dormitório. Estava quase na hora do jantar; quando as crianças entraram no aposento viram os outros empregados sentados em seus beliches conversando em voz baixa.

“Estou vendo que voltou”, disse um dos empregados. “Espanta-me que tenha coragem de mostrar a cara aqui, depois do que fez com Phil.”

“Ah! Deixe pra lá”, disse Phil, e os órfãos se voltaram para vê-lo deitado no beliche, com a perna engessada. “Klaus não fez de propósito, não foi, Klaus?”

“Fiz de propósito o quê?”, perguntou Klaus com perplexidade, palavra que aqui significa “espanto por não saber que causara o acidente que feriu a perna de Phil”.

“Nosso irmão está muito cansado”, Violet apressou-se em dizer. “Como está se sentindo, Phil?”

“Ah, muito bem”, disse Phil. “Minha perna dói, mas também é só o que dói. Na verdade, tive muita sorte. Mas chega de falar de mim mesmo. Deixaram aqui um memorando para vocês. O capataz Flacutono disse que é muito importante.” Phil passou para Violet um envelope com a palavra “Baudelaire” datilografada, exatamente como o bilhete de boas-vindas que as crianças encontraram em seu primeiro dia na serraria. Dentro do envelope, um bilhete:

Memorando

Para: Órfãos Baudelaire

De: Senhor

Assunto: Acidente de hoje

Fui informado de que esta manhã vocês causaram na serraria um acidente que danificou um empregado e inutilizou o dia de trabalho.

Acidentes são causados por maus funcionários, e maus funcionários não são tolerados na Serraria Alto-Astral. Se continuarem a causar inconveniências serei forçado a despedi-los e providenciar outra residência para vocês. Já localizei uma simpática senhorita que mora na cidade e que ficaria muito feliz de adotar três crianças pequenas. Seu nome é Shirley e ela trabalha como recepcionista. Se vocês três continuarem a ser maus operários, providenciarei para que fiquem sob os cuidados dela.



CAPÍTULO DEZ

Violet leu o memorando em voz alta para seus irmãos, e não sabia dizer que reação fora mais aflitiva. Quando Sunny ouviu a notícia, mordeu o lábio, de preocupação. Seu dente era tão afiado que na mesma hora começaram a escorrer gotas de sangue queixo abaixo. E isso foi, não resta a menor dúvida, aflitivo. Mas parece que Klaus não escutou o memorando. Ficou só contemplando o espaço com o olhar perdido, e isso foi igualmente aflitivo. Violet pôs o memorando dentro do envelope, sentou-se na parte de baixo do beliche e ficou quebrando a cabeça para descobrir o que poderia fazer.

"Más notícias?", disse Phil, querendo se mostrar solidário. "Lembre-se de que às vezes algo que pode parecer uma má notícia depois se revela uma bênção disfarçada." Violet tentou sorrir para Phil porém os músculos do rosto estavam simplesmente travados. Ela sabia — ou pensava que sabia, porque na verdade estava enganada — que o único disfarçado naquela história era o conde Olaf. "Temos que ir falar com Senhor", disse, enfim, Violet. "Temos que explicar o que aconteceu."

"Para falar com Senhor tem que ser com hora marcada", disse Phil.

"Mas trata-se de uma emergência", disse Violet. "Vem, Sunny. Vamos..." Ela virou-se para o irmão, que por sua vez encarou a irmã mais velha com os olhos arregalados. Violet recordou o acidente que ele causara, e desfilaram em sua lembrança todas as pessoas que ficaram com a guarda deles e que tinham sido destruídas. Ela não podia imaginar que Klaus fosse capaz de cometer crimes hediondos como os que o conde Olaf cometera, mas não podia ter certeza. Não enquanto ele estivesse hipnotizado.

"Dinel", disse Sunny.

"Klaus não tem condição de ir", decidiu Violet. "Phil, você pode por favor dar uma olhada em nosso irmão enquanto vamos fazer uma visita a Senhor?"

"Pode deixar", disse Phil.

“Uma olhada com a máxima atenção”, enfatizou ela, levando Klaus para o beliche dos Baudelaire. “Ele não... ultimamente, ele não está como costuma ser, você já deve ter notado. Por favor, fique atento para que ele fique longe de problemas.”

“Ficarei”, prometeu Phil.

“E você, Klaus”, disse Violet, “trate de dormir um bom sono, e espero que amanhã se sinta melhor.”

“Uab”, disse Sunny, o que significava: “Eu também espero”. Klaus deitou-se no beliche, e suas irmãs olharam para seus pés descalços, imundos por ele ter circulado o dia todo sem sapatos. “Boa noite, Violet”, disse Klaus.

“Boa noite, Susan.”

“O nome dela é Sunny”, disse Violet.

“Desculpe”, disse Klaus. “Estou tão exausto. Vocês acham mesmo que amanhã de manhã estarei me sentindo melhor?”

“Se formos sortudos, sim”, disse Violet. “Agora, trate de dormir.” Klaus dirigiu um olhar para a irmã mais velha. “Sim, senhor”, disse em voz baixa. Fechou os olhos e adormeceu na mesma hora. Violet aconchegou o irmão no cobertor e por algum tempo ficou olhando para ele, preocupada. Depois pegou Sunny pela mão e, com um sorriso para Phil, caminhou para fora do dormitório, atravessou o pátio e dirigiu-se às dependências do escritório. Uma vez lá dentro, as duas Baudelaire continuaram andando, passaram pelo espelho sem sequer dar uma olhada nas suas imagens refletidas, e bateram à porta.

“Entrem!” As crianças reconheceram a voz retumbante de Senhor, e abriram nervosas a porta do escritório. Senhor estava sentado a uma enorme escrivaninha de madeira muito escura, ainda fumando — como sempre — o charuto de tal maneira que não dava para ver o seu rosto por detrás da nuvem de fumaça. A escrivaninha achava-se coberta de papéis e pastas, e havia uma placa onde se lia “Chefe” em letras feitas de chiclete mascado, exatamente como a placa do portão da serraria. Era difícil enxergar o restante da sala, porque a única luz que havia no recinto ficava na escrivaninha de Senhor. Junto a Senhor achava-se Charles, que deu um sorriso tímido para as crianças quando elas se aproximaram para falar com o seu tutor.

“Vocês marcaram uma reunião?”, perguntou Senhor.

“Não”, disse Violet, “mas preciso muito falar com o senhor, é muito importante.”

“Quem decide se uma coisa é muito importante sou eu!”, rugiu Senhor. “Está vendo essa placa aqui na mesa? Está escrito: “Chefe”; é isso que sou: o chefe! Muito importante é quando eu digo que é muito importante, entendeu?”

“Sim, Senhor”, disse Violet, “mas acho que o senhor concordará comigo quando eu lhe explicar o que está acontecendo.”

“Eu sei o que está acontecendo”, disse Senhor. “Eu sou o chefe! Claro que sei! Você não recebeu meu memorando sobre o acidente?”

Violet respirou fundo e encarou Senhor olho no olho, ou pelo menos a parte da nuvem de fumaça onde ela supôs que os olhos se encontravam. “O acidente”, ela disse finalmente, “aconteceu porque Klaus estava hipnotizado.”

“O que seu irmão faz como hobby não me interessa”, disse Senhor, “e não vale como justificativa de acidentes.”

“O senhor não está entendendo, Senhor”, disse Violet. “Klaus foi hipnotizado pela dra. Orwell, que está mancomunada com o conde Olaf.”

“Meu Deus!”, disse Charles. “Pobres crianças! Senhor, temos que acabar com isso!”

“Estamos tratando de acabar com isso!”, disse Senhor. “É só vocês crianças não provocarem mais acidentes, e ficarão empregadas aqui na serrana em total segurança. Do contrário, rua!”

“Senhor!”, exclamou Charles. “O senhor não jogaria as crianças na rua!”

“Claro que não”, disse Senhor. “Como expliquei no memorando, conheci uma senhorita muito simpática que trabalha como recepcionista. Quando mencionei que tinha três crianças aos meus cuidados, ela foi logo dizendo que, se algum dia vocês se vissem numa situação difícil, ela ficaria com vocês, porque sempre quis ter filhos para criar.”

“Palsh!”, exclamou Sunny.

“Ela é o conde Olaf!”, exclamou Violet.

“Está me achando com cara de idiota?”, perguntou Senhor, apontando para a nuvem que cobria seu rosto. “Tenho uma descrição completa do conde Olaf que me foi dada pelo sr. Poe, e essa recepcionista não se parece nada com ele. E uma senhorita muito simpática.”

“O senhor verificou a tatuagem?”, perguntou Charles. “O conde Olaf tem uma tatuagem no tornozelo, lembra-se?”

“Claro que não verifiquei a tatuagem”, disse Senhor com impaciência. “Não é educado olhar para as pernas de uma mulher.”

“Mas ela não é uma mulher!”, explodiu Violet. “Quero dizer: ele não é mulher! Ele é o conde Olaf!”

“Vi na escrivaninha dela a placa de identificação”, disse Senhor. “Não estava escrito ‘conde Olaf. Estava escrito ‘Shirley’.”

“Fiti!”, gritou Sunny estridentemente, e vocês já sabem o que ela queria dizer:

“Essa placa não prova absolutamente nada, é claro!”. Contudo Violet não teve tempo de traduzir, porque Senhor estava dando socos na escrivaninha.

“Hipnose! Conde Olaf! Fiti! Para mim chega dessas desculpas!”, gritou ele. “O que vocês têm a fazer é trabalhar pesado na serraria, e não causar acidentes! Já vivo atarefado demais para ainda ter que lidar com crianças desastradas!” Mais que depressa, Violet teve outra idéia. “Bem, podemos telefonar para o sr. Poe?”, perguntou. “Ele sabe tudo a respeito do conde Olaf, e talvez possa ajudar.” Ela só não disse que o sr. Poe não era habitualmente uma pessoa com capacidade de ajudar.

“Você quer acrescentar o custo de um telefonema interurbano ao fardo de ter que cuidar de vocês?”, perguntou Senhor. “Minha resposta é NÃO. Vou deixar claro para vocês, e da maneira mais simples, como eu encaro essa questão: se pisarem na bola mais uma vez, entregarei vocês a Shirley.”

“Pense bem, Senhor”, disse Charles. “Afinal, são crianças. O senhor não deveria falar com elas dessa maneira. Como há de estar lembrado, nunca achei uma boa idéia que os Baudelaire trabalhassem na serraria. Eles deveriam ser tratados como membros da família.”

“Eles estão sendo tratados como membros da família”, disse Senhor. “Muitos de meus primos vivem lá no dormitório. Recuso-me a discutir com você, Charles! Você é meu sócio! Sua função é passar a ferro minhas camisas e preparar minhas omeletes, nada disso de ficar querendo mandar em mim!”

“É claro, você tem razão”, disse Charles, conciliador. “Desculpe-me.”

“Agora, saiam daqui, todos vocês!”, esbravejou Senhor. “Tenho muito o que fazer!”

Sunny abriu a boca para dizer algo, mas viu que não adiantaria nada. Violet teve outra idéia, mas viu que não adiantaria nada. E Charles começou a levantar a mão para tecer novas considerações, mas viu que não adiantaria nada vezes nada. Assim, Charles e as duas Baudelaire saíram do sombrio escritório sem dizer mais nenhuma palavra, e por um instante os três ficaram parados no corredor.

“Não se preocupem”, sussurrou Charles. “Eu ajudarei vocês.”

“Como?”, sussurrou também Violet. “O senhor telefonará para o sr. Poe e lhe dirá que o conde Olaf está aqui?”

“Ulo?”, perguntou Sunny, querendo dizer: “O senhor mandará prender a dra. Orwell?”.

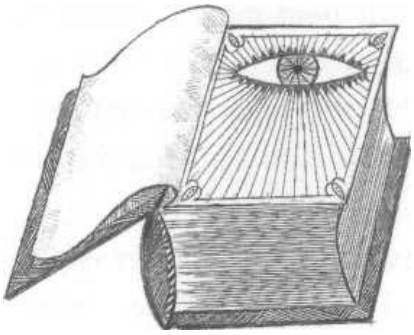
“O senhor nos esconderá de Shirley?”, perguntou Violet.

“Henipul?”, perguntou Sunny, querendo dizer: “O senhor acabará com a hipnose de Klaus?”.

“Não”, admitiu Charles. “Não posso fazer nenhuma dessas coisas. Senhor

ficaria uma fera comigo; não dá. Mas amanhã vou tentar conseguir umas uvas passas na hora do almoço. Certo?”

Claro que não estava certo, de modo nenhum. Uvas passas são saudáveis, não custam caro, e muita gente até acha que são deliciosas. No entanto, daí a considerar que sejam uma ajuda... Na verdade, era difícil imaginar uma ajuda mais inútil, se é que Charles realmente tinha o propósito de ajudar. Mas Violet não lhe respondeu. Estava olhando para o fundo do corredor, pensativa. Sunny também não deu resposta, porque já começava a engatinhar em direção à porta da biblioteca. As irmãs Baudelaire não podiam perder tempo conversando com Charles. Tinham que traçar um plano, tinham que traçá-lo o quanto antes. As irmãs Baudelaire achavam-se numa situação muito difícil, e cada momento era precioso para que descobrissem a tempo algo que fosse uma ajuda bem mais substancial do que meras uvas passas.



CAPÍTULO ONZE

Como já comentamos antes, muitas vezes a primeira frase de um livro pode revelar ao leitor o tipo de enredo que ele vai ter pela frente. Este livro, vocês estão lembrados, começa com a frase "Os órfãos Baudelaire olharam através da janela suja do trem e contemplaram o negrume melancólico da Floresta Finita, pensando se algum dia a vida deles melhoraria"; com certeza o enredo foi tão desgraçado e agourento como a primeira frase prometera. Estou puxando esse assunto agora só para que vocês possam entender o pavor experimentado por Violet e Sunny Baudelaire quando abriram um certo livro na biblioteca da Serraria Alto-Astral. As duas irmãs Baudelaire já estavam tomadas de pavor, é claro. Um pouco desse pavor devia-se ao procedimento cruelmente injusto de Senhor. Um pouco desse pavor devia-se à incapacidade de ajuda por parte de Charles, por mais gentil que ele fosse. Mais um pouco desse pavor fora causado pelo fato de Klaus ter sido hipnotizado novamente. E, sem dúvida, a parte do leão desse pavor — a expressão "parte do leão" significa aqui "a maior parte" e não tem nada a ver com leões — fora causada pelo conde Olaf — ou, como ele insistia em chamar a si próprio, Shirley —, que estava de volta na vida dos Baudelaire, causando tanto sofrimento. Mas esse pavor recebeu um reforço extra quando Violet e Sunny iniciaram a leitura de Ciência ocular avançada, da dra. Georgina Orwell. A primeira frase era: "Este tomo se empenha em escrutinar quase exaustivamente a epistemologia de abordagens oftalmologicamente controladas de sistemas oculares e os esforços subseqüentes que são requisitos imperativos para expurgar condições maléficas". A medida que Violet lia o texto em voz alta para a irmã, as duas meninas foram sentindo o pavor que se apodera do leitor quando começa um livro muito chato e difícil.

"Puxa vida", comentou Violet, fazendo mil conjeturas sobre o que a palavra "tomo" poderia significar. "Este livro é muito difícil."

"Garj!", disse Sunny, fazendo mil conjeturas sobre o que poderia significar o verbo "empenhar".

"Se ao menos tivéssemos um dicionário", disse melancolicamente Violet.

“Poderíamos, quem sabe, descobrir o que significa essa frase.”

“Yash!”, assinalou Sunny, talvez querendo dizer: “Se Klaus não estivesse hipnotizado, poderia nos explicar o que essa frase significa”. Violet e Sunny suspiraram, e o pensamento delas voltou-se para o pobre irmão hipnotizado. Klaus parecia tão diferente do irmão que elas conheciam, que era quase como se o conde Olaf já houvesse triunfado com seu plano perverso e destruído um dos órfãos Baudelaire. Klaus sempre se mostrava interessado no mundo à sua volta, e agora tinha no rosto aquela expressão vazia. Em geral seus olhos mantinham-se semicerrados por efeito da leitura, e agora estavam arregalados como se tivesse ficado horas assistindo televisão. As irmãs se acostumaram a vê-lo sempre atento e cheio de coisas interessantes para dizer, mas agora ele esquecia tudo, e na maior parte do tempo guardava um silêncio absoluto.

“Sabe-se lá se Klaus conseguiria definir essas palavras para nós...”, lamentou Violet. “Ele disse que sentia que uma parte do seu cérebro tinha sido apagada sem deixar vestígios. Talvez ele não tenha conhecimento de todas essas palavras quando está hipnotizado. Não me lembro de tê-lo ouvido definir nada desde o acidente com Phil, quando explicou a palavra ‘exorbitante’. Talvez fosse melhor você tentar descansar um pouco, Sunny. Se durante a leitura eu descobrir qualquer coisa útil, acordo você.” Sunny engatinhou por cima da mesa e deitou-se junto a Ciência ocular avançada, que era quase do seu tamanho. Violet olhou para a irmã por um instante, depois voltou sua atenção para o livro. Gostava de ler, não resta dúvida, mas era uma inventora e não uma pesquisadora. Simplesmente não tinha a mesma incrível aptidão de Klaus. Violet tornou a ler a primeira frase e tudo o que viu foi uma tremenda confusão de palavras difíceis. Ela sabia que, se estivesse na biblioteca, e não hipnotizado, Klaus seria capaz de encontrar um meio de tirá-las daquela situação. Começou a imaginar como seu irmão procederia para ler Ciência ocular avançada e tentou adivinhar seus métodos. Primeiro voltou as páginas do livro até o comecinho, antes daquela primeira frase, e foi parar no sumário — que, como vocês sabem, é uma lista com os títulos de cada capítulo e o número da página em que eles começam. Quando abriu o livro pela primeira vez Violet mal se deteve no sumário; no entanto, depois concluiu que primeiro Klaus provavelmente consultaria o sumário, para ter uma noção de quais capítulos poderiam ser mais úteis. Passou os olhos pela lista, do princípio ao fim:

1. Introdução 1
2. Oftalmologia básica 105
3. Miopia e hipermetropia 279
4. Cegueira 311
5. Coceira nos cílios 398
6. Lesão nas pupilas 501

7. Pestanejar problemático 612

8. Piscadelas problemáticas 650

9. Práticas cirúrgicas 783

10. Óculos, monóculos e lentes de contato 857

11. Óculos escuros 926

12. Hipnose e controle da mente 927

13. Qual é a melhor cor de olho? 1000

Na mesma hora, é claro, Violet viu que o capítulo doze seria o mais útil, e alegrou-se de ter pensado em consultar o sumário antes de ler 926 páginas até chegar aonde precisava. Grata por ter conseguido pular aquele primeiro parágrafo assustador — a palavra "assustador" aqui significa "cheio de palavras incrivelmente difíceis" —, correu entre os dedos as páginas de Ciência ocular avançada e deteve-se no capítulo "Hipnose e controle da mente".

A expressão "coerência estilística" é usada para descrever livros que mantêm um mesmo estilo do princípio ao fim. Por exemplo, o livro que vocês estão lendo neste momento tem coerência estilística porque começa triste e continuará desgraçadamente triste até a última página. Lamento dizer que ao começar a leitura do capítulo doze Violet percebeu que o livro da dra. Orwell também tinha coerência estilística. A primeira frase do capítulo "Hipnose e controle da mente" era: "A hipnose é metodologia eficaz mas precária e não deveria ser empreendida por neófitos", ou seja, igualzinha em dificuldade e chatice ao período que abria o livro. Violet releu a frase, tornou a lê-la mais uma vez e seu coração começou a apertar. Meu Deus do Céu, como Klaus conseguia vencer aqueles obstáculos? Quando as três crianças moravam com os pais, havia um imenso dicionário na biblioteca da casa, e Klaus recorria a ele diversas vezes quando estava às voltas com livros difíceis. Mas como Klaus lia livros difíceis quando não havia dicionários por perto?

Era um enigma, e Violet sabia que precisava resolver esse enigma mais que depressa. Voltou a prestar atenção no livro, e releu a frase uma vez mais, porém pulou as palavras que não conhecia. Como acontece muitas vezes quando se lê dessa maneira, o cérebro de Violet produziu um ruído diante de cada palavra — ou parte de palavra — que ela não conseguia entender. De modo que dentro de sua cabeça a frase inicial do capítulo doze era lida assim: "A hipnose é método...hmmm hmmm mas hmmm e não deveria ser hmmmida por hmmms"; embora não fosse capaz de dizer exatamente o que significava, dava para arriscar um palpite. "Poderia significar", arriscou para si própria, "que a hipnose é um método difícil e não deveria ser exercida por amadores", e o interessante é que o palpite não se afastava muito do correto. Ficava cada vez mais tarde, e Violet continuou a ler o capítulo dessa maneira, surpreendida que, por mais incrível que parecesse, estivesse descobrindo o

sentido de páginas e mais páginas do livro da dra. Orwell. Esse não é o melhor método para ler, claro, porque podemos arriscar palpites terrivelmente errados, mas quebra um galho numa emergência.

Horas a fio, a biblioteca da Serraria Alto-Astral ficou em absoluto silêncio, quebrado apenas pelo ruído de páginas viradas conforme avançava a leitura de Violet, insistentemente empenhada em descobrir qualquer coisa que os pudesse ajudar. De quando em quando olhava para a irmã, e, pela primeira vez em sua vida, desejou que Sunny tivesse mais idade. Muitas vezes, quando a pessoa está tentando achar a solução de um problema — como desfazer a hipnose que está atuando sobre o irmão para evitar que todos fossem parar nas mãos de um homem ganancioso que se faz passar por uma recepcionista —, discutir o problema com outras pessoas ajuda a chegar a uma solução rápida e útil. Violet se lembrou de que, quando moraram com tia Josephine, foi de grande ajuda falar com Klaus sobre um bilhete que revelou encerrar um segredo oculto em suas linhas. Porém com Sunny era diferente. A mais nova dos Baudelaire era encantadora, bem dotada em matéria de dentes, e muito inteligente para um bebê. Mas não deixava de ser um bebê, e, à medida que hmmmava ao longo do capítulo doze, Violet se afligia com a idéia de que poderia não chegar a resultado algum, tendo apenas um bebê como interlocutor para discussão. De qualquer modo, quando encontrou uma frase que lhe pareceu útil, cutucou Sunny para que acordasse e leu a frase em voz alta.

"Escute só isso, Sunny", disse Violet quando a irmã abriu os olhos. "Uma vez que o sujeito da experiência tenha sido hipnotizado, uma simples palavra hmmm servirá para fazê-lo executar quaisquer atos hmmm que qualquer hmmm deseje que seja hmmmado."

"Hmmm?", perguntou Sunny.

"São palavras que desconheço", Violet explicou. "É difícil ler dessa maneira, mas dá para entender o que a dra. Orwell quer dizer. Acho que ela quer dizer que, depois de hipnotizar alguém, basta dizer uma certa palavra para que essa pessoa lhe obedeça. Está lembrada do que Klaus nos contou que aprendeu na Enciclopédia de hipnose? Havia aquele rei egípcio que cacarejava como uma galinha, e o comerciante que de um momento para o outro sabia tocar violino, e aquele escritor e tudo o mais... Tudo o que o hipnotizador fez foi pronunciar uma palavra, uma palavra diferente para cada caso. Fico pensando qual é a palavra que age no caso de Klaus.

"Riiss", disse Sunny, que provavelmente significava: "Não faço a menor idéia, sou apenas um bebê", ou algo do gênero.

Violet sorriu-lhe, gentil, e tentou imaginar o que Klaus diria se estivesse ali na biblioteca, não hipnotizado, junto com suas irmãs. "Vou procurar mais informação", decidiu ela.

"Bruol", disse Sunny, querendo dizer: "E eu voltarei a dormir". Ambas as

Baudelaire cumpriram o que se propuseram, e por algum tempo a biblioteca retornou ao silêncio. Violet hmmmou pelo livro adiante e começou a ficar cada vez mais cansada e mais aflita. Faltavam apenas umas poucas horas para começar o dia de trabalho, e ela temia que seus esforços fossem tão infrutíferos — a palavra "infrutíferos" significa aqui "incapazes de anular a hipnose de Klaus" — como seriam se ela tivesse baixa auto-estima. Mas, bem quando estava a ponto de adormecer ao lado de sua irmã, encontrou uma passagem no livro que lhe pareceu da maior utilidade; ela foi logo lendo a passagem em voz alta, o que imediatamente acordou Sunny.

"A fim de hmmm o domínio hipnótico sobre o hmmm, o mesmo método hmmm é utilizado: uma palavra hmmm, pronunciada em voz alta, fará hmmm o hmmm no mesmo instante", disse Violet. "Acho que a dra. Orwell está falando de anular o efeito da hipnose sobre as pessoas, e parece que é só pronunciar em voz alta uma outra palavra. Se descobrirmos qualé a palavra, poderemos tirar Klaus do transe hipnótico, e não cairemos nas garras de Shirley."

"Skel", disse Sunny, esfregando os olhos. Ela provavelmente quis dizer: "Mas quem é que sabe que palavra é essa?".

"Não sei", disse Violet, "porém temos que descobrir antes que seja tarde demais."

"Hmmm", disse Sunny, pronunciando um ruído de hmmm porque estava pensando e não porque estivesse lendo uma palavra desconhecida.

"Hmmm", disse Violet, o que significava que ela também estava pensando. Mas em seguida ouviu-se um outro hmmm que fez as duas Baudelaire se entreolharem com aflição. Esse não era o hmmm de um cérebro que ignorava o significado de uma palavra, nem o hmmm de uma pessoa pensando. Esse hmmm era muito mais longo e muito mais forte, era um hmmm que fez as irmãs Baudelaire fugirem correndo da biblioteca, com o livro bem seguro em suas mãos trêmulas. Era o hmmm produzido pela serra da Serraria Alto-Astral. Alguém ligara a máquina mais mortífera da serraria nas primeiríssimas horas da manhã.

Violet e Sunny atravessaram correndo o pátio, bastante às escuras naquele momento em que poucos raios de sol surgiam no céu. Abriram às pressas as portas da serraria e olharam para o interior do recinto. O capataz Flacutono estava parado junto à entrada, de costas para as duas meninas, apontando o dedo para a frente e dando uma ordem. A enferrujada máquina de serrar zumbia disparada, produzindo aquele hmmm terrível, e havia sobre o chão uma tora pronta para ser serrada. A tora parecia coberta com camadas e mais camadas de corda, ou seja, o material que estava no interior da máquina de desenrolar corda antes de Klaus tê-la arrebentado.

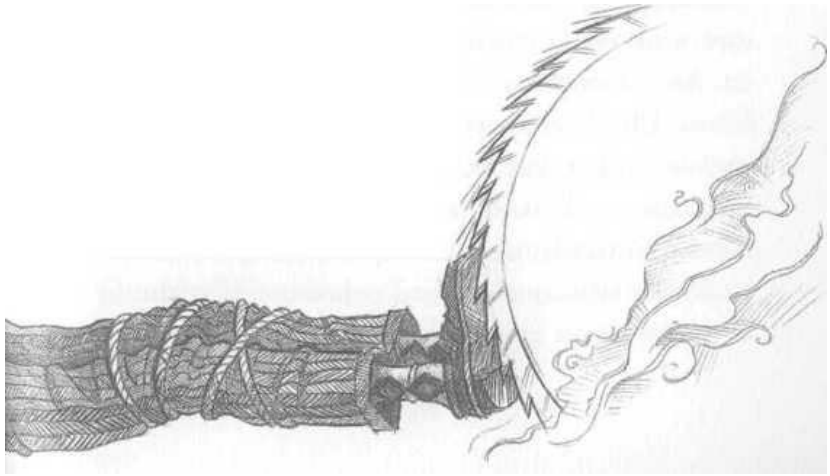
As duas irmãs foram olhar a situação mais de perto e, avançando alguns passos para dentro da serraria, viram que a corda estava enrolada em alguma

outra coisa, um volume considerável junto à tora. Quando observaram com maior nitidez, espiando por trás do capataz Flacutono, conseguiram distinguir que o tal volume era Charles. Ele estava amarrado à tora com tanta corda que parecia um casulo, um casulo extremamente apavorado. Voltas e mais voltas da corda cobriam sua boca para que ele não conseguisse emitir nenhum som, mas seus olhos estavam descobertos e ele os fixava com terror na serra, cada vez mais próxima.

"É, seu porcariazinho", dizia o capataz Flacutono, "até agora você deu sorte, evitando as minhas garras de chefe, mas a canja acabou. Mais um acidente e você estará em nossas mãos; e este vai ser o pior acidente da serraria. Imagine só como Senhor vai ficar contrariado quando souber que seu sócio foi retalhado em tábuas humanas. Vamos lá, seu sortudo, empurre essa tora para junto da serra!"

Violet e Sunny avançaram mais alguns passos. Chegaram tão perto que, com o braço esticado, dava para tocar no capataz Flacutono — não que desejassem fazer coisa tão repulsiva, é claro —, e então viram Klaus. Ele estava manejando os controles da máquina de serrar, descalço, com seus olhos arregalados e sem expressão fixos no capataz.

"Sim, senhor", disse ele, e nesse momento o que se lia nos olhos esgazeados de Charles era puro pânico.



CAPÍTULO DOZE

“Klaus!”, gritou Violet. “Klaus, não faça isso!” O capataz Flacutono virou-se, com os olhos redondos e miúdos faiscando sobre a máscara cirúrgica. “Ora, vejam só, as outras duas anãs”, disse ele. “Chegaram bem a tempo de assistir ao acidente.”

“Não é nenhum acidente”, disse Violet. “Você está fazendo de propósito!”

“Não vamos discutir por questões de lana-caprina”, disse o capataz, usando uma expressão que aqui significa “discutir sobre algo que não tem a menor importância”.

“Você esteve envolvido nisso o tempo todo!”, gritou Violet. “Você está mancomunado com a dra. Orwell e com Shirley!”

“E daí?”, provocou o capataz Flacutono.

“Deluni!”, gritou Sunny estridentemente, querendo dizer: “Você não é apenas um mau capataz, você é uma pessoa do mal!”.

“Não sei o que você quer dizer, anãzinha”, falou o capataz Flacutono, “e estou pouco ligando. Klaus, seu sortudo, continue, por favor.”

“Não, Klaus!”, pediu Violet. “Não!”

“Quiutu!”, gritou Sunny.

“Suas palavras de nada adiantarão”, disse o capataz Flacutono. “Estão vendo?” Sunny viu: seu irmão caminhava descalço para a tora, como se as irmãs não lhe houvessem dito nada. Mas Violet não estava prestando atenção em Klaus. Ela olhava para o capataz Flacutono e pensava em tudo o que ele falara. O terrível capataz tinha razão, é claro. As palavras das duas Baudelaire não hipnotizadas de nada adiantariam. No entanto, Violet sabia que algumas

palavras ajudariam. O livro que estava segurando lhe havia dito, em meio aos hmmms, que existia uma palavra para impor obediência a Klaus e uma outra palavra para tirá-lo da hipnose. A Baudelaire mais velha raciocinou que o capataz Flacutono devia ter usado a palavra para impor obediência justo naquela ocasião, e ela estava tentando lembrar-se de tudo o que ele dissera. Ele chamou Klaus de "porcariazinho", mas não parecia provável que "porcariazinho" fosse a palavra-chave. Ele falou "tora" e falou "empurre", mas tanto uma como outra não pareciam ser a palavra mágica. Então ela apercebeu-se, com desespero, de que a palavra para impor obediência poderia ser qualquer uma.

"Isso mesmo", disse o capataz Flacutono quando Klaus chegou junto à tora.

"Agora, em nome da Serraria Alto-Astral, empurre a tora em direção à serra." Violet cerrou os olhos e fez o cérebro funcionar a todo o vapor, expressão que aqui significa "tentou pensar em outras ocasiões em que a palavra-chave deve ter sido usada". O capataz Flacutono deve tê-la usado quando Klaus provocou o primeiro acidente, aquele que quebrou a perna de Phil. Violet lembrou-se do capataz ter dito: " Você, seu anão sortudo, é quem vai operar a máquina", e Klaus respondera "Sim, senhor" naquela mesma voz fraca, hipnotizada, da noite anterior.

"Egu!", Sunny berrou de medo, à medida que o hmmm da serra tornava-se mais forte e mais áspero. Klaus empurrara a tora para a serra, e os olhos de Charles ficaram ainda mais esgazeados quando a lâmina começou a retalhar a madeira, chegando cada vez mais perto de onde estava amarrado.

Ao lembrar-se de que Klaus respondera "Sim, senhor" logo antes de dormir, Violet se deu conta de que devia ter usado, ela própria, a palavra de impor obediência. Acelerou o cérebro mais uma vez, esforçando-se por lembrar a conversa. Klaus chamara a irmã menor de Susan, em vez de Sunny, e então perguntou se realmente se sentiria melhor de manhã. E o que foi que Violet respondeu?

"Continue empurrando, seu anão sortudo", disse o capataz Flacutono, e Violet lembrou-se na mesma hora.

Sortudo.

"Sortudo!", gritou a Baudelaire mais velha, sem se dar ao trabalho de esconder a palavra numa frase, como fazia o capataz. "Empurre a tora para longe da serra, Klaus!"

"Sim, senhor", disse Klaus de modo sereno, e as irmãs Baudelaire viram, aliviadas, que ele afastava a tora da lâmina giratória bem no momento em que os dedos dos pés de Charles estavam na iminência de ser cortados. O capataz Flacutono virou-se e encarou Violet com seus olhos miúdos explodindo de raiva. Ela soube que ele sabia que ela sabia.

“Sortudo!”, rosnou ele. “Empurre a tora de volta para a serra, Klaus!”

“Sim, senhor”, murmurou Klaus.

“Sortudo!”, gritou Violet. “Afaste a tora!”

“Sortudo!”, rugiu o capataz Flacutono. “Ponha a madeira na serra!”

“Sortudo! Afaste!”

“Sortudo! Vire para a serra!”

“Sortudo! Afaste!”

“Sortudo! Vire para a serra!”

“SORTUDO!”, berrou outra voz do vão da porta, e todos — incluindo Violet, Klaus, Sunny e o capataz Flacutono — se viraram. Até Charles fez o que pôde para ver a dra. Orwell, que surgira na entrada acompanhada de Shirley, à espreita por trás da hipnotizadora.

“Viemos dar uma passadinha aqui para certificar-nos de que está tudo em ordem”, disse a dra. Orwell, apontando sua bengala negra para a serra. “E ainda bem que resolvemos fazer isso. Sortudo!”, gritou para Klaus. “Não dê ouvidos a suas irmãs!”

“Que boa idéia”, disse o capataz Flacutono para a doutora. “Não tinha pensado nisso.”

“Isso explica por que você não passa de um capataz”, respondeu a dra. Orwell com o maior esnobismo.” “Sortudo, Klaus! Empurre a tora em direção à serra!”

“Sim, senhor”, disse Klaus, e começou a empurrar a tora outra vez.

“Por favor, Klaus!”, exclamou Violet. “Não faça isso!”

“Jaiss!”, gritou Sunny estridentemente, querendo dizer: “Não machuque Charles!”.

“Por favor, dra. Orwell!”, exclamou Violet. “Não force meu irmão a fazer esse ato terrível!”

“E terrível, eu sei muito bem”, disse a dra. Orwell. “Mas também é terrível que a fortuna dos Baudelaire vá para vocês, seus três idiotas, e não para mim e para Shirley. Vamos repartir o dinheiro, metade para cada uma.”

“Descontados os gastos já feitos, Georgina”, Shirley fez questão de lembrar.

“Sim, descontados os gastos”, disse a dra. Orwell.

O hmmm da serra começou a produzir um som mais forte e áspero assim que a lâmina reiniciou os cortes na tora. Os olhos de Charles se encheram de lágrimas, que começaram a escorrer pela corda que o amarrava à tora. Violet olhou para o irmão, em seguida para a dra. Orwell, e num desabafo de suas

frustradas intenções atirou ao chão o pesado livro. Ela precisava agora, e desesperadamente, da palavra capaz de anular a hipnose de seu irmão, mas não tinha a menor idéia de qual poderia ser. A palavra para imposição de obediência fora usada uma porção de vezes, e graças à repetição Violet conseguira descobrir qual era. No entanto, Klaus só saíra do transe hipnótico uma única vez — depois do acidente com a perna de Phil. Ela e sua irmã perceberam que ele retornou à normalidade na mesma hora em que começara a definir uma palavra para os funcionários da serraria. E quem saberia dizer que palavra fez ele parar de seguir as ordens do capataz Flacutono? Violet desviou os olhos das lágrimas de Charles para as lágrimas que surgiam nos olhos de Sunny à medida que o acidente fatal se tornava cada vez mais próximo. Num instante, tudo fazia crer, eles presenciariam Charles submeter-se a uma morte horrível, e em seguida com absoluta certeza ficariam sob a guarda de Shirley. Depois de tantas vezes terem escapado por um triz das perfídias do conde Olaf, aquele parecia ser o momento do terrível triunfo dele (ou, no caso, dela). De todas as situações em que ela e seus irmãos se viram envolvidos, aquela parecia ser a mais desgraçadamente irregular, pensou Violet.

Era a mais desgraçadamente desproporcional. A mais desgraçadamente extravagante. A mais desgraçadamente excessiva. E, ao pensar em todas essas palavras, ocorreu-lhe aquela que tirara Klaus da hipnose, aquela que simplesmente poderia salvar a vida de todos eles.

"Exorbitante!", gritou, o mais alto que pôde, a fim de que o som da palavra se sobrepusesse à barulheira terrível produzida pela serra. "Exorbitante! Exorbitante! Exorbitante!"

Klaus piscou, e em seguida olhou em toda a sua volta como se alguém tivesse acabado de lançá-lo no meio da serraria. "Onde estou?", perguntou.

"Oh, Klaus", disse Violet aliviada. "Você está aqui conosco!"

"Droga!", disse a dra. Orwell. "Ele saiu da hipnose! Como é que pode essa criança saber uma palavra tão complicada como 'exorbitante'?"

"Esses idiotas sabem um monte de palavras", disse Shirley na sua ridícula voz de falsete. "São viciados em livros. Mas ainda podemos criar um acidente e ficar com a fortuna!"

"Não podem, não!", exclamou Klaus, e avançou para afastar Charles do alcance da máquina.

"Veja só como podemos!", disse o capataz Flacutono, e mais uma vez estendeu a perna no caminho de Klaus. Vocês devem estar imaginando que essa jogada funcionaria no máximo duas vezes, porém estão enganados, porque Klaus tornou a ir ao chão, batendo com a cabeça na pilha de decorticadores e caixinhas verdes.

"Não podem, não!", exclamou Violet, e avançou com o intuito de, ela

própria, afastar Charles do alcance da máquina.

"Veja só como podemos!", disse Shirley com sua voz boba de falsete, e agarrou o braço de Violet. O capataz Flacutono mais que depressa agarrou o outro braço, e a Baudelaire mais velha viu-se encurralada.

"Oh, dunum!", gritou Sunny, e engatinhou na direção de Charles. Ela não tinha força suficiente para afastar a tora da serra, porém pensou em roer a corda e libertá-lo.

"Veja só como podemos!", disse a dra. Orwell, e abaixou o braço estendido para agarrar a Baudelaire mais jovem. Contudo Sunny estava alerta. No mesmo instante abriu a boca e mordeu a mão da hipnotizadora com toda a força de que foi capaz.

"Gack!", berrou a dra. Orwell, usando uma expressão numa língua inexistente. Mas em seguida sorriu e usou uma expressão francesa: "En garde!". "En garde!", talvez vocês saibam, é uma expressão usada para anunciar o início de uma luta de esgrima; com um sorriso malvado, a dra. Orwell apertou a pedra vermelha no alto de sua bengala negra, fazendo surgir uma lâmina reluzente na outra ponta. Em apenas um segundo, sua bengala se tornara uma espada, que ela então apontou para a Baudelaire caçula. Sunny, não sendo mais do que uma criança pequena, não tinha espada. Só podia contar com seus quatro dentes afiados; encarando a dra. Orwell olhos nos olhos, abriu a boca e apontou os quatro dentes para aquele ser tão perverso.

Quando uma espada bate contra outra — ou, nesse caso, num dente — há um som agudo: clink!; sempre que o ouço me lembro de uma luta de espadas que fui forçado a travar com um técnico por causa de um conserto na minha televisão, muito tempo atrás. A Sunny, entretanto, só ocorreu lembrar que não queria ser cortada em pedaços. A dra. Orwell brandiu sua bengala-espada contra Sunny, e Sunny brandiu seus dentes contra a dra. Orwell. Logo os sons de clink! se fizeram tão fortes quanto os da máquina de serrar que continuava serrando a tora em direção a Charles. Clink! Sempre mais perto, mais perto, a lâmina da serra chegou a estar por um fio de cabelo — não entendam ao pé da letra, imaginem uma distância mínima — dos pés de Charles.

"Klaus!", gritou Violet, debatendo-se sem conseguir soltar-se das garras de Shirley e do capataz Flacutono. "Faça alguma coisa!"

"Não há nada que seu irmão possa fazer!", observou Shirley com uma risadinha perturbadora. "Ele acaba de sair da hipnose — está tonto demais para fazer qualquer coisa. Capataz Flacutono, vamos puxar a menina cada um para o seu lado. Acabaremos com os braços de Violet!"

Shirley estava certa quanto ao estrago nos braços de Violet, mas errada a propósito de Klaus. Sim, ele acabara de sair da hipnose, e que estava tonto estava, porém não tonto demais para ser incapaz de fazer qualquer coisa. O problema era que simplesmente não sabia o que fazer. Klaus fora jogado no

canto onde estavam os decorticadores e os chicletes, e se quisesse ir em direção a Charles teria que cruzar o duelo de espadas entre Sunny e a dra. Orwell; só de ouvir mais um clink! da espada nos dentes de Sunny deu para sentir que sairia gravemente ferido se tentasse abrir passagem entre as duelistas. Sobrepondo-se aos sons agudíssimos de clink!, chegou-lhe ainda mais forte e mais brutal o barulho da máquina de serrar, e Klaus viu com horror que a lâmina estava começando a cortar a sola dos sapatos de Charles. O sócio de Senhor tentou mover os pés para afastá-los da lâmina, mas a corda estava apertada demais, e pequenas aparas da sola começaram a cair no chão da serraria. Num instante a lâmina daria conta dos sapatos e começaria a agir nas plantas dos pés de Charles. Klaus precisava inventar algo que fizesse a máquina parar, e precisava agir o quanto antes. Klaus olhou para a lâmina circular da serra e começou a sentir um desânimo atroz. Como Violet fazia para inventar? Klaus tinha algum interesse por coisas mecânicas, porém no fundo era um leitor, não um inventor. Simplesmente não tinha a espantosa aptidão para inventar. Olhava para a máquina e via apenas um aparelho mortífero, mas sabia que se estivesse naquele canto da serraria, e não sendo destroncada pelos puxões de Shirley e do capataz Flacutono, Violet descobriria uma maneira de ajudá-los a sair daquela situação. Klaus começou a imaginar como a irmã procederia para inventar algo com os parcos recursos que tinha à sua disposição, e tentou adivinhar seus métodos. Clink! Klaus olhou à sua volta para improvisar materiais, entretanto não viu nada além de decorticadores e caixinhas verdes de chiclete. Na mesma hora rasgou e abriu uma das caixas e meteu uma porção de chicletes dentro da boca, mascando ferozmente. A idéia era travar a máquina entupindo suas engrenagens com o grude do chiclete, e assim deter o avanço mortífero da lâmina.

Clink! O terceiro dente de Sunny bateu na lâmina da espada da dra. Orwell no mesmo instante em que Klaus cuspia a massa de chiclete na palma da mão e atirava-a sobre a máquina com toda a força de que era capaz. Só que a massa grudenta limitou-se a cair no chão ao som de um plop! molhado. Klaus compreendeu que aquela goma não tinha peso suficiente para alcançar a serra. Como acontece com uma pluma ou um pedaço de papel, não havia jeito de arremessar muito longe a matéria gosmenta. Ráquita, ráquita, ráquita! A máquina começou a fazer o barulho mais forte e mais brutal que Klaus já ouvira. Charles fechou os olhos e Klaus percebeu que a lâmina devia ter tocado na planta do pé. Empunhou uma quantidade maior de chiclete e jogou tudo para dentro da boca, sem ter certeza de que a quantidade fosse suficiente para dar peso à idéia. Não agüentava mais ficar olhando para a máquina; então baixou os olhos e, ao dar com um dos decorticadores dispostos no chão, percebeu de relance que a invenção estava ali à sua espera.

Quando Klaus olhou para a ferramenta da serraria, lembrou-se de uma época em que ficara ainda mais chateado do que quando esteve trabalhando na Alto-Astral. Aquele período especialmente tedioso acontecera muito tempo atrás, com os Baudelaire pais ainda vivos. Klaus lera um livro sobre

diferentes espécies de peixe, e pediu aos pais que o levassem para uma pescaria. Sua mãe lhe avisara que pescar era uma das atividades mais chatas do mundo, mas encontrou duas varas no porão e concordou em levá-lo para um lago das redondezas. Klaus esperara conseguir ver os diferentes tipos de peixe sobre os quais havia lido, entretanto, em vez disso, ele e a mãe sentaram-se num barco a remo no meio do lago e não fizeram nada a tarde inteira. Ele e a mãe tinham que ficar em silêncio, para não espantar os peixes, só que não houve peixe, nem conversa, nem divertimento algum. Vocês podem imaginar que Klaus não achava a menor graça em lembrar-se de uma ocasião tão chata, quanto mais no auge de uma situação desesperadora, mas um único detalhe daquela tarde tediosa revelou-se bastante útil. Enquanto Sunny lutava com a dra. Orwell, Violet lutava com Shirley e o capataz Flacutono, e o pobre Charles lutava com a serra, Klaus lembrou-se da parte da pescaria que se chama arremesso. Arremesso consiste em usar a vara de pesca para lançar a isca no meio do lago e assim pegar mais facilmente o peixe. No caso de Klaus e sua mãe, o arremesso não adiantou, porém agora Klaus não pretendia pegar um peixe. Queria salvar a vida de Charles.

Mais que depressa, o garoto Baudelaire apanhou o decorticador e cuspiu a massa gosmenta de chiclete numa das pontas. O plano dele era usar a goma como uma espécie de linha de pesca e o decorticador como uma espécie de vara de pescar, e assim conseguir que a goma lançada transpusesse toda a distância até a serra. A invenção de Klaus parecia mais uma tira de metal com uma massa gosmenta do que uma vara de pescar de verdade, mas Klaus não estava preocupado com aparências. Respirou fundo e lançou o decorticador tal como sua mãe o ensinara a lançar a linha de pesca. Plop! Para a satisfação de Klaus, a gosma alongou-se, formando um fio bem comprido, e passou sobre a dra. Orwell e Sunny, que continuavam lutando — exatamente como uma linha de pesca se projeta e ganha distância sobre a superfície de um lago. Contudo, para horror de Klaus, a goma não aterrissou na serra. Aterrissou na corda que amarrava Charles, que se debatia preso à tora. Quando olhou para Charles se debatendo, mais uma vez o que veio à lembrança de Klaus foi a imagem de um peixe, e ocorreu-lhe que talvez sua invenção tivesse de fato funcionado. Juntando toda a sua força — depois de haver trabalhado algum tempo na serraria, ele se tornara um garoto bastante forte para a sua idade —, Klaus segurou firme sua invenção e puxou-a. Puxou o decorticador, o decorticador puxou a goma, e a goma puxou a tora; para alívio dos três órfãos Baudelaire, a tora moveu-se para o lado. Não se deslocou muito, nem muito depressa, e certamente não foi um movimento gracioso, mas moveu-se o quanto bastava. O ruído horrível cessou, e a lâmina da serra continuou rodando, porém a tora estava fora do seu alcance e a máquina cortava o ar. Charles olhou para Klaus, e seus olhos encheram-se de lágrimas; quando Sunny virou-se, viu que Klaus também estava chorando.

Mas, no instante em que Sunny se virou, a dra. Orwell percebeu sua oportunidade. Impulsionando para a frente uma de suas botas feias e

enormes, jogou Sunny no chão e prendeu a menina apoiando o pé em cima dela. Em seguida, sobre o corpo da criança, levantou a espada bem alto e soltou uma gargalhada maldosa, horrível.

"Agora estou acreditando", disse ela, sempre com seu riso malvado, "que haverá mesmo um acidente na Serraria Alto-Astral!"

E a dra. Orwell estava certa. Houve mesmo um acidente, um acidente fatal — expressão que se usa quando ocorre a morte de alguém. Justamente quando a dra. Orwell estava para baixar sua espada sobre o pescoço da pequena Sunny, a porta da serraria se abriu e Senhor entrou no recinto. "Que diabos está havendo?", rosnou, e a dra. Orwell virou-se para ele estupefata. Quando as pessoas ficam estupefatas, às vezes dão um passo para trás, e dar um passo para trás pode às vezes levar a um acidente. Foi o que aconteceu naquele caso, pois quando a dra. Orwell recuou um passo entrou na serra giratória, e o acidente que se seguiu foi realmente tétrico.



CAPÍTULO TREZE

"Um horror, um horror, um horror", disse Senhor, sacudindo a nuvem de fumaça que cobria sua cabeça. "Que horror, que horror, que horror."

"Concordo plenamente", disse o sr. Poe, tossindo no seu lenço. "Quando o senhor me telefonou esta manhã descrevendo a situação, fiquei tão horrorizado que cancelei vários compromissos importantes e peguei o primeiro trem para Paltryville, a fim de cuidar pessoalmente desse assunto."

"Ficamos muito agradecidos", disse Charles.

"Um horror, um horror, um horror", Senhor voltou a dizer. Os órfãos Baudelaire estavam sentados no chão do escritório de Senhor e erguiam os olhos para acompanhar a discussão dos adultos, admirados de como eles podiam falar do acidente com tanta calma. A palavra "horror", mesmo com a repetição em série, não parecia suficiente para transmitir em toda a plenitude o que havia de literalmente horroroso no acontecimento. Violet ainda tremia só de lembrar da aparência de Klaus hipnotizado. Klaus ainda tremia só de lembrar como Charles esteve por um triz para ser cortado em fatias. Sunny ainda tremia só de lembrar como quase fora morta na luta de espadas com a dra. Orwell. E, naturalmente, todos os três órfãos ainda tremiam só de lembrar como a dra. Orwell chegara ao fim, expressão que aqui significa "entrou na serra giratória". As crianças sentiam-se incapazes até mesmo de falar, quanto mais de participar de uma conversa.

"É inacreditável", disse Senhor, "que a dra. Orwell fosse hipnotizadora e que tenha hipnotizado Klaus para apoderar-se da fortuna dos Baudelaire. Por sorte, Violet descobriu como anular a hipnose do irmão, e ele não tornou a

provocar acidentes.

"É inacreditável", disse Charles, "que o capataz Flacutono tenha me agarrado no meio da noite e me amarrado àquela tora para se apoderar da fortuna dos Baudelaire. Por sorte, no último momento Klaus inventou um meio de deslocar a tora, e eu saí com apenas um pequeno corte na sola do pé."

"É inacreditável", disse o sr. Poe, depois de uma curta tosse, "que Shirley quisesse adotar as crianças para se apoderar da fortuna dos Baudelaire. Por sorte, descobrimos o plano, e agora ela terá de voltar a ser recepcionista." Ao ouvir isso, Violet rompeu o seu silêncio. "Shirley não é recepcionista!", exclamou. "Ela não é nem mesmo Shirley! Ela é o conde Olaf!"

"Bom, isso aí", disse Senhor, "é a parte da história que é tão inacreditável que eu não acredito. Conheci essa jovem, e ela não é nem um pouco parecida com o conde Olaf!

Tem uma única sobrancelha comprida, não resta dúvida, mas muitas pessoas maravilhosas têm essa característica."

"O senhor tem que desculpar as crianças", disse o sr. Poe. "Elas tendem a ver o conde Olaf em toda parte."

"Isso porque ele está em toda parte", corrigiu Klaus com amargura.

"Bem", disse Senhor, "ele não esteve aqui em Paltryville. Bem que procuramos por ele, lembram-se?"

"Uilife!", exclamou Sunny. Ela queria dizer: "Estava disfarçado, como de costume!", ou algo do gênero.

"Podemos ir ver essa tal de Shirley?", perguntou Charles timidamente. "As crianças parecem estar bem seguras do que afirmam. Talvez, se o sr. Poe pudesse ver essa recepcionista, o assunto ficaria esclarecido..."

"Deixei Shirley e o capataz Flacutono na biblioteca, e pedi a Phil que os vigiasse", disse Senhor. "Enfim, a biblioteca de Charles revelou-se útil — como uma cadeia provisória, até esclarecermos o assunto."

"A biblioteca foi da maior utilidade, Senhor", disse Violet. "Se eu não tivesse lido Ciência ocular avançada, seu sócio, Charles, estaria morto."

"Com toda a certeza você é uma criança esperta", disse Charles.

"Sim", concordou Senhor. "Vai se sair maravilhosamente bem no colégio interno."

"Colégio interno?", perguntou o sr. Poe.

"Claro", respondeu Senhor, balançando de modo assertivo sua nuvem de fumaça.

"O senhor não espera que eu fique com eles, imagine só, depois de toda a

encrenca que causaram na minha serraria, não é?"

"Mas a culpa não foi nossa!", exclamou Klaus.

"Isso não interessa", disse Senhor. "Fizemos um trato. Eu tentaria manter o conde Olaf à distância, e vocês não provocariam mais acidentes. Vocês não cumpriram a sua parte do trato."

"Etch!", Sunny gritou estridentemente, o que significava: "Tampouco você cumpriu a sua parte no trato!". Senhor não lhe deu atenção.

"Bem, vamos ver essa mulher", disse o sr. Poe, "e esclarecer de uma vez por todas se o conde Olaf esteve ou não aqui."

Os três adultos concordaram e as três crianças os seguiram pelo corredor até a porta da biblioteca, onde Phil se achava sentado numa cadeira com um livro nas mãos.

"Olá, Phil", disse Violet. "Como está sua perna?"

"Está melhorando", disse ele e apontou para o gesso. "Estive montando guarda na porta, Senhor. Nem Shirley nem o capataz Flacutono escaparam. Ah, sim, eu queria dizer também que andei lendo este livro, A Constituição de Paltryville. Não entendo todas as palavras, mas, pelo que diz aqui, parece que é ilegal pagar somente tíquetes aos empregados."

"Sobre isso a gente conversa mais tarde", apressou-se em dizer Senhor.

"Precisamos falar com Shirley."

Senhor estendeu o braço para a frente e abriu a porta, revelando Shirley e o capataz Flacutono sentados tranqüilos diante de duas mesas perto da janela. Shirley tinha o livro da dra. Orwell numa das mãos, e com a outra acenou para as crianças.

"Olá, crianças!", cumprimentou com sua artifi-cialíssima voz de falsete. "Estava tão preocupada com vocês!

"E eu também!", disse o capataz Flacutono. "Graças a Deus não estou mais hipnotizado e não vou mais maltratar vocês!"

"Então vocês também foram hipnotizados?", perguntou Senhor.

"Claro que sim!", exclamou Shirley. Ela abaixou-se e acariciou a cabeça das três crianças. "Do contrário jamais teríamos agido de modo tão horroroso, ainda mais com essas três crianças tão maravilhosas e delicadas!" Por detrás dos cílios postiços, os olhos brilhantes de Shirley fixavam os Baudelaire como se ela fosse comê-los assim que tivesse uma oportunidade.

"Está vendo?", disse Senhor ao sr. Poe. "Não é de admirar que o capataz Flacutono e Shirley tenham agido de modo tão horrível. Está claro que ela não é o conde Olaf!"

"Conde quem?", perguntou o capataz Flacutono. "Nunca ouvi falar desse

homem.”

“Nem eu”, disse Shirley, “sou apenas uma recepcionista.”

“Talvez você não seja apenas uma recepcionista”, disse Senhor. “Talvez você seja também uma mãe. O que o senhor me diz, sr. Poe? Shirley quer realmente criar essas crianças, e elas constituem um problema grande demais para mim.”

“Não!”, exclamou Klaus. “Ela é o conde Olaf, não é Shirley!” O sr. Poe tossiu longamente no seu lenço branco, e os três Baudelaire esperaram, tensos, que ele parasse de tossir e dissesse alguma coisa. Enfim, afastou o lenço e disse para Shirley: “Lamento dizer isto, minha senhora, mas as crianças estão convencidas de que a senhora é um homem chamado conde Olaf disfarçado em recepcionista”.

“Se quiser”, disse Shirley, “posso levá-lo até o consultório da dra. Orwell — da falecida dra. Orwell — e mostrar-lhe minha mesa, onde há uma placa com meu nome. Está escrito claramente: ‘Shirley’.”

“Não me parece que isso seria suficiente”, disse o sr. Poe. “A senhora não nos faria a cortesia de mostrar seu tornozelo esquerdo?”

“Bem, não me parece educado olhar para as pernas de uma senhora”, disse Shirley. “O senhor sabe disso, claro.”

“Se o seu tornozelo esquerdo não tiver a tatuagem de um olho”, disse o sr. Poe, “então com toda a certeza a senhora não é o conde Olaf.” Os olhos de Shirley emitiram um brilho muito, muito intenso, e ela lançou um grande sorriso com os dentes todos à mostra. “E se tiver?’’, perguntou, levantando ligeiramente a saia. “E se tiver a tatuagem de um olho?” Os olhos de todos voltaram-se para o tornozelo de Shirley, onde um olho único e isolado fixava os seus observadores. Ele se parecia com a casa em forma de olho da dra. Orwell, que observava os órfãos Baudelaire desde a chegada a Paltryville. Ele se parecia com o olho na capa do livro da dra. Orwell, que os encarava desde que começaram a trabalhar na Serraria Alto-Astral. E, é claro, se parecia bastante com a tatuagem do conde Olaf, que estava no encalço dos órfãos Baudelaire desde que seus pais morreram.

“Neste caso”, disse o sr. Poe depois de uma pausa, “você não é Shirley. Você é o conde Olaf, e considere-se preso. Ordeno-lhe que se desfaça desse ridículo disfarce!”

“Devo me desfazer do meu ridículo disfarce, eu também?”, perguntou o capataz Flacutono, e arrancou sua peruca branca com um gesto ágil e decidido. Não causou espanto às crianças que ele fosse careca — sempre souberam que aquela cabeleira absurda era uma peruca, desde o primeiro momento em que puseram os olhos nela — mas havia algo na forma de sua cabeça calva que de repente lhes trouxe lembranças. Encarando os órfãos com seus olhos miúdos e redondos, ele retirou também a máscara cirúrgica

sobre seu rosto. Um nariz comprido se revelou do achatamento a que fora forçado sob a máscara, e os irmãos perceberam imediatamente que se tratava de um dos auxiliares do conde Olaf.

"É o careca!", exclamou Violet.

"De nariz comprido!", exclamou Klaus.

"Plemo!", exclamou Sunny, querendo dizer: "Que trabalha para o conde Olaf!".

"Acho que tivemos muita sorte de pegar dois criminosos hoje!", disse o sr. Poe.

"Bem, três, se incluir a dra. Orwell", disse o conde Olaf (Que alívio é chamá-lo assim e não de Shirley!).

"Basta de tantos absurdos", disse o sr. Poe. "Você, conde Olaf, está preso por vários assassinatos e tentativas de assassinatos, várias fraudes e tentativas de fraudes, vários atos abjetos e tentativas de atos abjetos. Quanto a você, meu caro careca e narigudo, está preso por ter prestado ajuda a ele."

O conde Olaf deu de ombros, atirando sua peruca ao chão, e sorriu para os Baudelaire de um jeito que eles reconheceram com aflição. Era um certo sorriso que aparecia no conde Olaf exatamente quando tudo levava a crer que ele não tinha saída. Um sorriso que dava a entender que o conde Olaf estava contando uma piada, um sorriso acompanhado pelo brilho intenso de seus olhos e por um trabalho acelerado, furioso, de seu cérebro perverso. "Este livro, sem dúvida, foi de grande ajuda para vocês, órfãos", disse o conde Olaf, erguendo para o alto o Ciência ocular avançada da dra. Orwell, "e agora é a mim que ele vai ajudar." Com todo o ímpeto que lhe dava a sua força extraordinária, o conde Olaf virou-se e jogou o pesado volume contra uma das janelas envidraçadas da biblioteca. Ouviu-se o impacto sobre a vidraça, que deixou um buraco considerável na janela, suficiente para que uma pessoa pudesse passar — e foi exatamente isso o que o careca fez, franzindo o longo nariz para as crianças como se elas exalassem mau cheiro. O conde Olaf soltou uma gargalhada horrível e brutal, e seguiu seu camarada, fugindo pela janela para bem longe de Paltryville. "Voltarei para apanhá-los, órfãos!", ameaçou. "Voltarei para acabar com suas vidas!"

"Egad!", disse Sunny, usando uma expressão que aqui significa: "Ah, não! Ele está fugindo!".

Senhor avançou às pressas para a janela, e acompanhou a fuga do conde Olaf e do careca, que corriam o mais rápido que suas pernas magrelas permitiam. "Não voltem aqui!", berrou Senhor para que o ouvissem. "Não voltem, porque os órfãos não estarão aqui!"

"O que o senhor quer dizer com isto: os órfãos não estarão aqui?", perguntou o sr. Poe energicamente. "O senhor fez um trato, e não cumpriu a sua parte! O conde Olaf afinal de contas estava aqui!"

“Isso não interessa”, disse Senhor, movendo a mão num gesto de pouco-caso.

“Para onde esses Baudelaire vão, eles chamam desgraças, e eu já estou farto disso!”

“Mas, Senhor”, disse Charles, “eles são umas crianças tão boas!”

“Não vou mais discutir o assunto”, disse Senhor. “Na placa sobre minha mesa está escrito ‘Chefe’, e é isso que eu sou. O chefe tem a última palavra, e a última palavra é: As crianças já não são bem-vindas na Alto-Astral!”

Violet, Klaus e Sunny se entreolharam. Está claro que “As crianças já não são bem-vindas na Alto-Astral” não é a última palavra, é um monte de palavras, e eles sabiam, é claro, que quando Senhor disse “a última palavra” não estava se referindo a uma palavra que fosse necessariamente uma só, mas à opinião final sobre a situação. A experiência deles na serraria, entretanto, tinha sido tão horrorosa que não se importaram muito de deixar Paltryville. Até mesmo um colégio interno prometia ser melhor do que os dias passados com o capataz Flacutono, a dra. Orwell e a pérfida Shirley. Lamento dizer a vocês, leitores, que os órfãos estavam enganados ao pensar que o colégio interno seria melhor, porém naquele momento não sabiam o que teriam pela frente, sabiam apenas dos problemas que tinham ficado para trás e dos problemas que haviam fugido pela janela.

“Podemos por favor discutir esse assunto mais tarde”, perguntou Violet, “e chamar a polícia? Talvez o conde Olaf ainda possa ser apanhado.”

“Excelente idéia, Violet”, disse o sr. Poe, se bem que o mais natural seria ele próprio ter tido essa idéia antes. “Senhor, me dê o telefone para que possamos chamar as autoridades.”

“Pois não”, disse Senhor, mal-humorado. “Mas lembre-se: esta é minha última palavra sobre o assunto. Charles, faça um milk-shake para mim. Estou morrendo de vontade.”

“Sim, Senhor”, disse Charles; mancando, seguiu os passos de seu sócio e do sr. Poe, que já haviam saído da biblioteca. Quando transpunha a porta, parou e sorriu para os Baudelaire, desculpando-se.

“Sinto muito”, disse-lhes. “Sinto muito que não tornarei a vê-los. Mas Senhor deve saber o que faz, acho.”

“Também sentimos muito, Charles”, disse Klaus. “E sinto muito ter trazido tanto aborrecimento para você.”

“Não foi culpa sua”, disse Charles carinhosamente, e nesse momento Phil surgiu mancando atrás dele.

“O que aconteceu?”, perguntou Phil. “Ouvi barulho de vidro quebrado.”

“O conde Olaf fugiu”, disse Violet, e sentiu um peso no coração só de

pensar que aquilo havia acontecido mesmo. “Shirley era na verdade o conde Olaf disfarçado, e ele fugiu, como sempre.”

“Bem, se olharem a coisa pelo melhor ângulo, até que podem se considerar com muita sorte”, disse Phil, e os órfãos dirigiram a seu amigo otimista um olhar intrigado; em seguida os três entreolharam-se intrigados. Noutros tempos haviam sido crianças felizes, tão contentes e satisfeitas com a vida que nem sequer haviam percebido o quanto eram felizes. Então veio o terrível incêndio, e a impressão que tinham era que dali por diante a vida deles teve raros momentos favoráveis. O que dizer então de um melhor ângulo!

Mudando de uma casa para outra, só encontraram sofrimento e desgraça para onde quer que fossem, e agora o homem que causara aquela desgraceira toda fugira mais uma vez. Na verdade, não se consideravam nem um pouco com sorte.

“O que você quer dizer?”, perguntou Klaus.

“Bem, deixe-me pensar”, disse Phil, e ficou pensando por um momento. Ao fundo, os órfãos podiam ouvir, entre sons confusos, o sr. Poe descrevendo o conde Olaf para alguém; provavelmente estava no telefone. “Vocês estão vivos”, disse Phil finalmente.

“Isso é uma sorte. E tenho certeza de que podem pensar em alguma outra coisa.” Os três pequenos Baudelaire entreolharam-se, em seguida olharam para Charles e para Phil, as únicas pessoas em Paltryville que tinham sido boas com eles. Ainda que não fossem sentir saudades do dormitório, ou dos chicletes do almoço e dos bifes do tipo sola de sapato do jantar, ou do trabalho duro e cansativo na serraria, os órfãos sentiriam saudades daquelas duas pessoas tão gentis. Ao pensar em quem lhes inspiraria saudades, eles foram levados a pensar em como se sentiriam caso algo ainda pior lhes tivesse acontecido. E se Sunny tivesse perdido a luta de espada? E se Klaus houvesse permanecido hipnotizado para sempre? E se Violet, e não a dra. Orwell, tivesse dado um passo em falso e entrado na serra giratória? Os Baudelaire observavam o sol entrando pela vidraça partida por onde o conde Olaf escapara, e tremeram só de pensar no que poderia ter acontecido. Nunca lhes parecera que estar vivo pudesse ser considerado sorte, mas quando as crianças repassaram em suas mentes o período terrível que viveram sob a guarda de Senhor, espantaram-se com os muitos lances de sorte que de fato ocorreram.

“Foi mesmo uma sorte”, admitiu Violet, “Klaus ter inventado o que inventou tão depressa, apesar de não ser um inventor.”

“Foi mesmo uma sorte”, admitiu Klaus, “Violet ter descoberto como me tirar da hipnose, apesar de não ser uma pesquisadora.”

“Croif”, admitiu Sunny, o que provavelmente significava: “Foi mesmo

uma sorte eu ter conseguido nos defender da espada da dra. Orwell, e não importa se sou eu quem está dizendo isso".

Os jovens Baudelaire suspiraram e trocaram pequenos sorrisos de esperança. O conde Olaf estava à solta, e faria uma nova tentativa de se apoderar da fortuna deles, mas o importante era que dessa vez não tinha conseguido. Eles estavam vivos, e ali, juntos diante da janela partida, parecia que a palavra final para definir a situação deles seria "sortudos", justamente aquela que desencadeara tantos problemas para eles. Os órfãos Baudelaire estavam vivos, e, se pensarmos bem, na verdade a sorte que tiveram talvez tenha sido mesmo exorbitante.



Ao Meu Amável Editor,

Por favor, desculpe a sujeira deste bilhete. Escrevo-lhe de um barraco onde forçaram os órfãos Baudelaire a morar enquanto freqüentaram a Escola Preparatória de Prufrock, e infelizmente o meu papel de cartas caiu no meio do carvão. Sábado à noite não deixe de comprar um ingresso para a poltrona J-10 no espetáculo Faute de Mieux da Companhia Mambembe de Ópera. Durante o quinto ato, use uma faca afiada para rasgar a almofada do seu assento. Você encontrará um texto intitulado O inferno do colégio interno, minha descrição do atormentado semestre que as crianças passaram, e ainda uma bandeja de lanchonete, alguns dos grampos feitos à mão pelos Baudelaire e a pedra (sem valor) do turbante do treinador Genghis. Hã também o negativo de uma foto dos Trigêmeos Quagmire, que o sr. Helquist pode mandar revelar para ajudá-lo em suas ilustrações.

Lembre-se, o senhor é minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,



Lemony Snicket